jorge luís borges

O LIVRO DE AREIA

39

LIVRO · B

JORGE LUÍS BORGES

O LIVRO DE AREIA

EDITORIAL ESTAMPA

Título do original
EL LIBRO DE ARENA

Tradução de
António Sabler

Capa de
Alda Rosa

ÍNDICE

O OUTRO

O facto ocorreu no mês de Fevereiro de 1969, ao norte de Boston, em Cambridge. Não o escrevi imediatamente porque o meu primeiro propósito foi esquecê-lo, para não perder a razão. Agora, em 1972, penso que se o escrevo, os outros o lerão como um conto e, com os anos, o será talvez para mim.

Sei que foi quase atroz enquanto durou e mais ainda durante as insones noites que se seguiram. Isto não significa que a narrativa possa comover um terceiro.

Seriam as dez da manhã. Eu estava recostado num banco, diante do rio Charles. A uns quinhentos metros à minha direita havia um alto edifício, cujo nome nunca soube. A água cinzenta arrastava longos pedaços de gelo. Inevitavelmente, o rio levou-me a pensar no tempo. A milenária imagem de Heraclito. Eu tinha dormido bem; a minha aula da tarde anterior lograra, creio, interessar os alunos. Não se via vivalma.

Senti de súbito a impressão (que segundo os psicólogos corresponde aos estados de fadiga) de ter vivido já aquele momento. Na outra ponta do meu banco alguém se tinha sentado. Eu teria preferido estar só, mas não quis levan-

tar-me de seguida, para não mostrar-me descortês. O outro tinha-se posto a assobiar. Foi então que ocorreu a primeira das muitas atribulações dessa manhã. O que assobiava, o que tentava assobiar (nunca tive grande ouvido), era o estilo crioulo de **La tapera** de Elias Regules. Esse estilo fez-me recuar a um pátio, que já desapareceu, e à memória de Álvaro Melián Lafinur, que morreu há tantos anos. Vieram então as palavras. Eram as do verso inicial. A voz não era a de Álvaro, mas tentava parecer a de Álvaro. Reconheci-a com horror.

Acerquei-me dele e disse-lhe:

— O senhor é oriental ou argentino?

— Argentino, mas desde catorze que vivo em Genebra — foi a resposta.

Houve um longo silêncio. Perguntei-lhe:

— No número dezassete da Rua Malagnou, diante da igreja russa?

Respondeu-me que sim.

— Nesse caso — disse-lhe resolutamente — você chama-se Jorge Luís Borges. Eu também sou Jorge Luís Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge.

— Não — respondeu-me com a minha própria voz um pouco longínqua.

Ao cabo de algum tempo insistiu:

— Eu estou aqui em Genebra, num banco, a uns passos do Ródano. Estranho é que nos parecemos, mas você é muito maior, com a cabeça grisalha.

Respondi-lhe:

— Posso provar-te que não minto. Vou dizer-te coisas que um desconhecido não pode saber. Em casa há um mate de prata com um pé de serpentes, que trouxe do Peru o nosso bisavô. Também há um bacia de prata, que pendia do arção. No armário do teu quarto há duas filas de livros. Os três volumes de **Las Mil y Una Noches** de Lane, com gravuras em

aço e notas em corpo menor entre os capítulos, o dicionário latino de Quicherat, a **Germania** de Tácito em latim e na versão de Gordon, um **Don Quijote** da casa Garnier, as **Tablas de sangre** de Rivera Indarte, com a dedicatória do autor, o **Sartor Resartus** de Carlyle, uma biografia de Amiel e, escondido atrás dos restantes, um livro brochado sobre os costumes sexuais dos povos balcânicos. Também não esqueci um entardecer num primeiro piso da praça Dubourg.

— Dufour — corrigiu ele.

— Está bem. Dufour. Basta-te com tudo isso?

— Não — respondeu ele. — Essas provas não provam nada. Se eu estou a sonhá-lo, é natural que saiba o que eu sei. O seu catálogo prolixo é totalmente vão.

A objecção era justa. Respondi-lhe:

— Se esta manhã e este encontro são sonhos, cada um dos dois tem de pensar que o sonhador é ele. Talvez deixemos de sonhar, talvez não. A nossa evidente obrigação, entretanto, é aceitar o sonho, como temos aceitado o universo e ter sido engendrados e ver com olhos e respirar.

— E se o sonho demorasse? — disse com ansiedade.

Para tranquilizá-lo e tranquilizar-me, fingi uma calma que certamente não sentia. Disse-lhe:

— O meu sonho durou já setenta anos. Ao fim e ao cabo, ao recordar-se, não há pessoa que não se encontre consigo mesma. É o que nos está sucedendo agora, salvo que somos dois. Não queres saber algo do meu passado, que é o porvir que te espera?

Anuiu sem uma palavra. Eu prossegui um pouco perdido:

— A mãe está boa de saúde na sua casa de Charcas y Maipú, em Buenos Aires, mas o pai morreu vai para trinta anos. Morreu do coração. Levou-o uma hemiplegia; a mão esquerda posta sobre a mão direita era como a mão de uma criança sobre a mão de um gigante. Morreu com impaciência de morrer, mas sem uma queixa. A nossa avó tinha morrido na mesma casa. Uns dias antes do fim, chamou-nos a todos e disse-nos: «Sou uma mulher muito velha, que vai morrendo muito devagar. Que ninguém se alvoroce por uma coisa tão comum e corrente.» Norah, tua irmã, casou-se e tem dois filhos. A propósito, em casa, como estão?

— Bem. O pai sempre com as suas piadas contra a fé. Na noite passada disse que Jesus era como os gaúchos, que não querem comprometer-se, e que por isso pregava em parábolas.

Vacilou e disse-me:

— E você?

— Não sei a conta dos livros que escreverás, mas sei que são demasiados. Escreverás poesias que te darão um agrado não compartilhado e contos de índole fantástica. Darás aulas como o teu pai e como tantos outros do nosso sangue.

Agradou-me que nada me perguntasse sobre o fracasso ou êxito dos livros. Mudei de tom e prossegui:

— No que se refere à história... Houve outra guerra, quase entre os mesmos antagonistas. A França não tardou em capitular; a Inglaterra e a América travaram contra um ditador alemão, que se chamava Hitler, a cíclica batalha de Waterloo. Buenos Aires, em mil novecentos e quarenta e seis, engendrou outro Rosas, bastante parecido com o nosso parente. Em cinquenta e cinco, salvou-nos a província de Córdova, como antes Entre Rios. Agora, as coisas andam mal. A Rússia vai apoderando-se do planeta; a América, atada pela superstição da democracia, não se resolve a ser um império. Cada dia que passa o nosso país é mais provinciano. Mais provinciano e mais presunçoso, como se fechasse os olhos. Não me surpreenderia que o ensino do latim fosse abandonado pelo do guarani.

Notei que mal me prestava atenção. O medo elementar do impossível e no entanto justo paralisava-o. Eu, que não fui pai, senti por esse pobre rapaz, mais íntimo que um filho da minha carne, uma onda de amor. Vi que apertava entre as mãos um livro. Perguntei-lhe o que era.

— **Os Possessos** ou, segundo creio, **Os Demónios** de Fyodor Dostoievski — replicou-me não sem vaidade.

— Já não tenho ideia. Que tal é?

Mal o disse, senti que a pergunta era uma blasfémia.

— O mestre russo — opinou — penetrou mais do que ninguém nos labirintos da alma eslava.

Essa tentativa retórica pareceu-me uma prova de que tinha recuperado a calma.

Perguntei-lhe que outros volumes do mestre folheara.

Enumerou dois ou três, entre eles **O Duplo**.

Perguntei-lhe se ao lê-los distinguia bem as personagens, como no caso de Joseph Conrad, e se pensava prosseguir o exame da obra completa.

— A verdade é que não — respondeu-me com certa surpresa.

Perguntei-lhe o que estava escrevendo e disse-me que preparava um livro de versos que se intitularia **Los himnos rojos**. Também tinha pensado em **Los ritmos rojos**.

— Porque não? — disse-lhe. — Podes alegar bons antecedentes. O verso azul de Rubén Darío e a canção gris de Verlaine.

Sem fazer caso, esclareceu-me que o seu livro cantaria a fraternidade de todos os homens. O poeta do nosso tempo não pode virar costas à sua época.

Fiquei-me a pensar e perguntei-lhe se verdadeiramente se sentia irmão de todos. Por exemplo, de todos os empresários de agências funerárias, de todos os carteiros, de todos os mergulhadores, de todos os que vivem no lodo dos números pares, de todos os afónicos, etc. Disse-me que o seu livro se referia à grande massa dos oprimidos e párias.

— A tua massa de oprimidos e de párias — respondi-lhe — não passa de uma abstracção. Só os indivíduos existem, se é que alguém existe. **O homem de ontem não é o homem de hoje**, sentenciou certo grego. Nós dois, neste banco de Genebra ou de Cambridge, somos talvez a prova.

Salvo nas severas páginas da História, os factos memoráveis prescindem de frases memoráveis. Um homem a ponto de morrer tenta evocar uma gravura vislumbrada na infância; os soldados que estão para travar batalha falam da lama ou do sargento. A nossa situação era única e, francamente, não estávamos preparados. Falámos, fatalmente, de letras; receio não ter dito outras coisas além das que costumo dizer aos jornalistas. O meu **alter ego** acreditava na invenção ou descoberta de novas metáforas; eu nas que correspondem a afinidades íntimas e notórias e que a nossa imaginação já aceitou. A velhice dos homens e o ocaso, os sonhos e a vida, o correr do tempo e da água. Expus-lhe esta opinião, que exporia num livro anos depois.

Quase não me escutava. De repente disse:

— Se você foi eu, como explicar que tenha esquecido o seu encontro com um senhor de idade que em 1918 lhe disse que também ele era Borges?

Não tinha pensado nessa dificuldade. Respondi-lhe sem convicção:

— Talvez o facto fosse tão estranho que procurei esquecê-lo.

Aventurou uma tímida pergunta:

— Como anda a sua memória?

Compreendi que, para um rapaz que não completara vinte anos, um homem de mais de setenta era quase um morto. Respondi-lhe:

— Às vezes parece um alheamento, mas ainda dá conta do recado. Estudo anglo-saxão e não sou o último da classe.

A nossa conversa já tinha durado demasiado para ser a de um sonho.

Ocorreu-me uma ideia súbita.

— Posso provar-te imediatamente — disse-lhe — que não estás a sonhar comigo. Ouve bem este verso, que nunca leste, que eu me lembre.

Lentamente entoei a famosa linha:

L'hydre - univers tordant son corps écaillé d'astres.

Senti o seu amedrontado espanto. Repetiu-o em voz baixa, saboreando cada resplandecente palavra.

— É verdade — balbuciou. — Eu não poderei nunca escrever uma linha como essa.

Hugo tinha-nos reunido.

Antes, ele tinha repetido com fervor, agora recordo, aquela breve peça em que Walt Whitman rememora uma compartilhada noite diante do mar, em que foi realmente feliz.

— Se Whitman a cantou — observei — é porque a desejava e não aconteceu. O poema

ganha se adivinhamos que é manifestação de um anseio, não a história de uma acção.

Ficou-se a olhar-me.

— Você não o conhece — exclamou. — Whitman é incapaz de mentir.

Meio século não passa em vão. Dessa nossa conversa de pessoas de vária leitura e gostos diversos, compreendi que não podíamos entender-nos. Éramos demasiado diferentes e demasiado parecidos. Não podíamos enganar-nos, o que torna difícil o diálogo. Cada um dos dois era o arremedo caricato do outro. A situação era demasiado anormal para durar muito mais tempo. Aconselhar ou discutir era inútil, porque o seu inevitável destino era ser aquele que sou.

De repente lembrei-me duma fantasia de Coleridge. Alguém sonha que atravessa o paraíso e dão-lhe como prova uma flor. Ao despertar, lá está a flor.

Ocorreu-me um artifício análogo.

— Ouve — disse-lhe —, tens algum dinheiro?

— Sim — replicou-me. — Tenho uns vinte francos. Convidei Simon Jichlinski para esta noite no **Crocodile**.

— Diz a Simon que exercerá a medicina em Carouge, e que fará muito bem... agora, dás-me uma das tuas moedas.

Sacou três escudos de prata e algum dinheiro miúdo. Sem compreender ofereceu-me um dos primeiros.

Eu estendi-lhe uma dessas imprudentes notas americanas de tão diverso valor e do mesmo tamanho. Examinou-a com avidez.

— Não pode ser — gritou. — Traz a data de mil novecentos e sessenta e quatro.

(Meses depois alguém disse que as notas de banco não trazem data.)

— Tudo isto é um milagre — conseguiu dizer — e o milagroso mete medo. Os que foram

testemunhas da ressurreição de Lázaro devem ter ficado horrorizados.

Não mudámos nada, pensei. Sempre as referências livrescas.

Fez a nota em pedaços e guardou a moeda.

Eu resolvi atirá-la ao rio. O arco do escudo de prata perdendo-se no rio de prata teria conferido à minha história uma imagem vívida, mas a sorte não quis assim.

Respondi que o sobrenatural, se ocorre duas vezes, deixa de ser aterrador. Propus-lhe que nos víssemos no dia seguinte, nesse mesmo banco que está em dois tempos e em dois sítios.

Anuiu de imediato e disse-me, sem olhar para o relógio, que se fizera tarde para ele. Mentíamos os dois e cada qual sabia que o seu interlocutor estava mentindo. Disse-lhe que vinham buscar-me.

— Buscá-lo? — interrogou-me.

— Sim. Quando atingires a minha idade terás perdido quase por completo a vista. Verás a cor amarela e sombras e luzes. Não te preocupes. A cegueira gradual não é uma coisa trágica. É como um lento entardecer de Verão.

Despedimo-nos sem nos termos tocado. No dia seguinte não fui. Também o outro não terá ido.

Cismei muito sobre este encontro, que não contei a ninguém. Creio ter descoberto a chave. O encontro foi real, mas o outro conversou comigo num sonho e foi assim que pôde esquecer-me; eu conversei com ele acordado e ainda me aflige a ideia.

O outro sonhou-me, mas não me sonhou rigorosamente. Sonhou, agora entendo, a impossível data no dólar.

ULRICA

Hann tekr sverthit Gram ok legrr i methal theira bert

Völsunga Saga, 27

A minha narrativa será fiel à realidade ou, em todo o caso, à minha recordação pessoal da realidade, que é o mesmo. Os factos ocorreram há muito pouco, mas sei que o hábito literário é também o hábito de intercalar aspectos circunstanciais e de acentuar os ênfases. Quero narrar o meu encontro com Ulrica (não soube o seu apelido nem o saberei talvez nunca) na cidade de York. A crónica abarcará uma noite e uma manhã.

Nada me custaria referir que a vi pela primeira vez junto às Cinco Irmãs de York, esses vitrais puros de toda a imagem que respeitaram os iconoclastas de Cromwell, mas o facto é que nos conhecemos na saleta do **Northern Inn,** que fica do outro lado das muralhas. Éramos poucos e ela estava de costas. Alguém lhe ofereceu uma taça e recusou.

— Sou feminista — disse. — Não quero copiar os homens. Desagradam-me o tabaco e o álcool deles. A frase pretendia ser engenhosa e adivinhei que não era a primeira vez que a pronunciava. Soube depois que não era característica dela, mas por vezes o que dizemos parece-se connosco.

Referiu que tinha chegado tarde ao museu, mas que a deixaram entrar quando souberam que era norueguesa.

Um dos presentes comentou:

— Não é a primeira vez que os Noruegueses entram em York.

— Pois não — disse ela. — A Inglaterra foi nossa e perdemo-la, se alguém pode ter alguma coisa ou alguma coisa perder-se.

Foi então que olhei para ela. Uma linha de William Blake fala de raparigas de suave prata ou de furioso ouro, mas em Ulrica estavam o ouro e a suavidade. Era ligeira e alta, as feições esguias e os olhos cinzentos. Menos que o seu rosto impressionou-me o seu ar de tranquilo mistério. Sorria facilmente e o sorriso parecia alheá-la. Vestia de negro, o que é raro em terras do Norte, que procuram alegrar com cores o apagado horizonte. Falava um inglês nítido e preciso e acentuava levemente os erres. Não sou observador; essas coisas fui-as descobrindo a pouco e pouco.

Apresentaram-nos. Disse-lhe que era professor na Universidade dos Andes em Bogotá. Esclareci que era colombiano.

Perguntou de um modo pensativo:

— O que é ser colombiano?

— Não sei — respondi-lhe. — É um acto de fé.

— Como ser norueguesa — concordou.

Nada mais posso recordar do que se disse nessa noite. No dia seguinte desci cedo à sala de jantar. Pelos vidros vi que nevara; os campos ermos perdiam-se na manhã. Não havia mais ninguém. Ulrica convidou-me para a sua mesa. Disse-me que gostava de passear sozinha.

Lembrei-me de uma piada de Schopenhauer e respondi:

— Eu também. Podemos sair juntos os dois.

Afastámo-nos da casa, sobre a neve jovem. Não havia vivalma nos campos. Propus-lhe que fôssemos a Thorgate, que fica rio abaixo, a umas milhas. Sei que já estava enamorado de Ulrica; não teria desejado a meu lado nenhuma outra pessoa.

Ouvi de repente o longínquo uivo de um lobo. Não ouvi nunca uivar um lobo, mas sei que era um lobo. Ulrica não se alterou.

Pouco depois disse como se pensasse em voz alta:

— As poucas e pobres espadas que vi ontem no York Minster comoveram-me mais do que as grandes naves do museu de Oslo.

Os nossos caminhos cruzavam-se. Ulrica, essa tarde, prosseguiria viagem até Londres; eu, até Edimburgo.

— Em Oxford Street — disse-me — repetirei os passos de De Quincey, que procurava a sua Anna perdida entre as multidões de Londres.

— De Quincey — respondi — deixou de procurá-la. Eu, pelo tempo fora, continuo a procurá-la.

— Talvez — disse em voz baixa — a tenhas encontrado.

Compreendi que não me era proibido algo inesperado e beijei-lhe a boca e os olhos. Afastou-me com suave firmeza e logo declarou:

— Serei tua na pousada de Thorgate. Peço-te, entretanto, que não me toques. É melhor que assim seja.

Para um homem solteiro entrado em anos, o oferecido amor é uma dádiva que já não se espera. O milagre tem o direito de impor condições. Pensei nas minhas garotadas de Popayan e numa rapariga do Texas, clara e esbelta como Ulrica, que me negara o seu amor.

Não incorri no erro de perguntar-lhe se me amava. Compreendi que não era o primeiro e

que não seria o último. Essa aventura, talvez a extrema para mim, seria uma entre muitas para essa resplandecente e resoluta discípula de Ibsen.

De mãos dadas prosseguimos.

— Tudo isto é como um sonho — disse — e eu nunca sonho.

— Como aquele rei — replicou Ulrica — que não sonhou até que o feiticeiro o fez dormir numa pocilga.

Acrescentou depois:

— Ouve bem. Vai cantar um pássaro.

Dali a pouco ouvimos o canto.

— Nestas terras — disse —, pensam que quem está para morrer prevê o futuro.

— E eu estou para morrer — disse ela.

Olhei-a atónito.

— Cortemos pelo bosque — roguei. — Chegaremos mais depressa a Thorgate.

— O bosque é perigoso — replicou.

Seguimos pelos descampados.

— Eu queria que este momento durasse sempre — murmurei.

— **Sempre** é uma palavra que está vedada aos homens — afirmou Ulrica e, para moderar o ênfase, pediu-me que lhe repetisse o meu nome, que não tinha ouvido bem.

— Javier Otárola — disse-lhe.

Quis repeti-lo e não foi capaz. Eu fracassei, igualmente, com o nome de Ulrikke.

— Chamo-te Sigurd — declarou com um sorriso.

— Se sou Sigurd — repliquei — tu serás Brynhild.

Tinha atrasado o passo.

— Conheces a saga? — perguntei-lhe.

— Com certeza — disse-me. — A trágica história que os Alemães deitaram a perder com os seus tardios Nibelungos.

Não quis discutir e respondi-lhe:

— Brynhild, caminhas como se quisesses que entre os dois houvesse uma espada no leito.

Estávamos de repente diante da pousada. Não me surpreendeu que se chamasse, como a outra, o **Northern Inn.**

Do alto da escadaria, Ulrica gritou-me:

— Ouviste o lobo? Já não há lobos em Inglaterra. Despacha-te.

Ao subir ao andar superior, notei que as paredes estavam forradas à maneira de William Morris, de um rubro muito profundo, com frutos e pássaros entrelaçados. Ulrica entrou primeiro. O aposento sombrio era baixo, com um tecto de duas águas. O esperado leito duplicava-se num vago espelho e o reluzente mogno recordou-me o espelho das Escrituras. Ulrica já se tinha despido. Chamou-me pelo meu verdadeiro nome, Javier. Senti que a neve crescia. Já não sobravam móveis nem espelhos. Não havia uma espada entre os dois. Como a areia coava-se o tempo. Secular na sombra fluiu o amor e possuí pela primeira e última vez a imagem de Ulrica.

O CONGRESSO

Ils s'acheminèrent vers un château immense, au frontispice duquel on lisait: «Je n'appartiens à personne et j'appartiens à tout le monde. Vous y étiez avant que d'y entrer, et vous y serez encore quand vous en sortirez».

Diderot: Jacques Le Fataliste et son Maître (1769).

Buenos Aires, 1955

Meu nome é Alejandro Ferri. Há nele ecos marciais, mas nem os metais da glória nem a grande sombra do macedónio — a frase é do autor de **Los mármoles**, cuja amizade me hourou — se parecem com o modesto homem obscuro que alinhava estas linhas, na mansarda de um hotel da Rua Santiago del Estero, num Sul que já não é o Sul. Dentro em pouco terei completado setenta e tantos anos; continuo a dar aulas de Inglês a alguns alunos. Por indecisão ou por negligência ou por outra razões, não me casei, e agora estou só. Não me dói a solidão; já basta tolerar-se a si próprio e às suas manias. Noto que estou envelhecendo; um sintoma inequívoco é o facto que não me interessam ou surpreendem as novidades, talvez porque reparo que nada essencialmente novo há nelas e que não passam de tímidas variações. Quando era jovem, atraíam-me os entardeceres, os arrabaldes e a desdita; agora, as manhãs do centro e a serenidade. Já não brinco a fazer de Hamlet. Filiei-me no partido conservador e num clube de xadrez, que costumo frequentar como espectador, por vezes distraído. O curioso pode exumar, de alguma obscura estante da Biblioteca Nacional da Rua México, um exemplar do

meu **Breve examen del idioma analítico de John Wilkins**, obra que exigiria outra edição, pelo menos para corrigir ou atenuar os seus muitos erros. O novo director da Biblioteca, dizem-me, é um literato que se consagrou ao estudo das línguas antigas, como se as actuais não fossem suficientemente rudimentares, e à exaltação demagógica de um imaginário Buenos Aires de faquistas. Nunca quis conhecê-lo. Eu cheguei a esta cidade em 1899 e só uma vez o azar me pôs diante dum faquista ou dum sujeito que tinha fama de tal. Mais adiante, se tiver ocasião, contarei o episódio.

Já disse que estou só; há dias, um vizinho de quarto, que me tinha ouvido falar de Fermín Eguren, disse-me que este tinha falecido em Punta del Este.

A morte daquele homem, que certamente não foi nunca meu amigo, deu em entristecer-me. Sei que estou só; sou na terra o único guardião daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar. Sou agora o último congressista. É verdade que todos os homens o são, que não há um ser no planeta que não o seja, mas eu sou-o de outro modo. Sei que o sou; isso faz-me diverso dos meus inúmeros colegas, actuais e futuros. É verdade que no dia 7 de Fevereiro de 1904 jurámos pelo mais sagrado não revelar — haverá na terra algo sagrado ou algo que não o seja? — a história do Congresso, mas não menos certo é que o facto de eu agora ser um perjuro é também parte do Congresso. Esta declaração é obscura, mas pode atiçar a curiosidade dos meus eventuais leitores.

De qualquer modo, a tarefa que me impus não é fácil. Não cometi nunca, nem sequer na sua espécie epistolar, o género narrativo e, o que sem dúvida é muito mais grave, a história que registarei é inacreditável. A pena de José

Fernández Irala, o imerecidamente esquecido poeta de **Los mármoles**, era a predestinada para esta empresa, mas já é tarde. Não falsearei deliberadamente os factos, mas pressinto que a preguiça e o vagar me obrigarão, mais de uma vez, ao erro.

Não importam as datas precisas. Recordemos que vim de Santa Fé, minha província natal, em 1899. Nunca voltei; acostumei-me a Buenos Aires, cidade que não me atrai, como quem se acostuma ao seu corpo ou a uma velha doença. Prevejo, sem interesse de maior, que em breve hei-de morrer; devo, por conseguinte, dominar o meu hábito digressivo e adiantar um pouco a narração.

Os anos não modificam a nossa essência, se é que temos alguma; o impulso que me levaria, uma noite, ao Congresso do Mundo foi o que me trouxe, inicialmente, à redacção de **Última Hora**. Para um pobre rapaz provinciano, ser jornalista pode ser um destino romântico, assim como um pobre rapaz da capital pode imaginar que é romântico o destino de um gaúcho ou de um peão de chácara. Não me envergonha ter querido ser jornalista, rotina que agora me parece trivial. Recordo ter ouvido dizer a Fernández Irala, meu colega, que o jornalista escreve para o esquecimento e que o seu anseio era escrever para a memória e o tempo. Já havia cinzelado (o verbo era de uso comum) alguns dos sonetos perfeitos que apareciam depois, com um ou outro leve retoque, nas páginas de **Los mármoles**.

Não posso precisar a primeira vez que ouvi falar do Congresso. Talvez fosse aquela tarde em que o contador me pagou o salário mensal e eu, para celebrar essa prova de que Buenos Aires me tinha aceitado, propus a Irala que comêssemos juntos. Este desculpou-se, alegando que não podia faltar ao Congresso.

Imediatamente entendi que não se referia ao vaidoso edifício com uma cúpula, que fica ao fundo de uma avenida povoada de espanhóis, antes a algo mais secreto e mais importante. O povo falava do congresso, alguns com franco azedume, outros baixando a voz, outros com alarme ou curiosidade; todos, creio, com ignorância. Ao cabo duns sábados, Irala convidou-me a acompanhá-lo. Já tratara, confiou-me, dos trâmites necessários.

Seriam as nove ou dez da noite. No carro eléctrico disse-me que as reuniões preliminares tinham lugar aos sábados e que don Alejandro Glencoe, talvez levado pelo meu nome, já tinha aposto a sua assinatura. Entrámos na Confeitaria do Gás. Os congressistas, que seriam quinze ou vinte, rodeavam uma comprida mesa; não sei se havia um estrado ou se a memória o acrescenta. Reconheci de imediato o presidente, que nunca vira. Don Alejandro era um senhor de ar digno, já entrado em anos, com a fronte larga, os olhos cinzentos e uma encanecida barba ruiva. Sempre o vi de casaca escura; costumava apoiar no bastão as mãos cruzadas. Era robusto e alto. À sua esquerda havia um homem muito mais jovem, também de cabelos ruivos; a sua violenta cor sugeria o fogo e a da barba do senhor Glencoe, as folhas do Outono. À direita havia um rapaz de rosto largo e de testa singularmente baixa, trajando como um dandy. Todos tinham pedido café e um ou outro, absinto. O que primeiro despertou a minha atenção foi a presença duma mulher, sozinha entre tantos homens. Na outra ponta da mesa havia um menino de dez anos, vestido de marinheiro, que não tardou a adormecer. Havia também um pastor protestante, dois inequívocos judeus e um negro com lenço de seda e o fato muito justo, à maneira dos polidores de esquinas. Diante do negro e do menino havia

duas taças de chocolate. Não me recordo dos outros, salvo um senhor Marcelo del Mazo, homem de suma cortesia e de fino diálogo, que não voltei a ver. Conservo uma confusa e deficiente fotografia de uma das reuniões, que não publicarei, porque a indumentária da época, as melenas e os bigodes lhe dariam um ar burlesco e até pelintra, que falsearia a cena. Todos os agrupamentos tendem a criar o seu dialecto e os seus ritos; o Congresso, que sempre teve para mim algo de sonho, parecia querer que os congressistas fossem descobrindo sem pressa o fim que almejava e até os nomes e apelidos dos seus colegas. Não tardei a compreender que a minha obrigação era não fazer perguntas e abstive-me de interrogar Fernández Irala, que também não me disse nada. Não faltei um único sábado, mas passaram um ou dois meses antes que eu entendesse. Desde a segunda reunião, o meu vizinho foi Donald Wren, um engenheiro do Ferrocarril Sud, que me daria lições de inglês.

Don Alejandro falava muito pouco; os outros não se dirigiam a ele, mas senti que falavam para ele e que procuravam a sua aprovação. Bastava um gesto da lenta mão para que o tema do debate mudasse. Fui descobrindo a pouco e pouco que o homem ruivo da esquerda tinha o curioso nome de Twirl. Lembro-me do seu ar frágil, que é atributo de certas pessoas muito altas, como se a estatura lhes desse vertigens e os fizesse curvar-se. As suas mãos, lembro-me, costumavam brincar com uma bússula de cobre, que às vezes deixava na mesa. Em finais de 1914, morreu como soldado de infantaria num regimento irlandês. O que sempre ocupava a direita era o jovem de testa baixa, Fermín Eguren, sobrinho do presidente. Descreio dos métodos do realismo, género artificial se os há; prefiro revelar duma só vez o que

entendi gradualmente. Antes, quero recordar ao leitor a minha situação de então: eu era um pobre rapaz de Casilda, filho de rendeiros, que chegara a Buenos Aires e logo se achava, assim o senti, no âmago de Buenos Aires e talvez, quem sabe, do mundo. Passado já meio século sinto ainda aquele deslumbramento inicial, que certamente não foi o último.

Eis os factos; passo a narrá-los com toda a brevidade. Don Alejandro Glencoe, o presidente, era um fazendeiro do Uruguai, dono de uma empresa agrícola que confinava com o Brasil. O seu pai, oriundo de Aberdeen, tinha-se fixado neste continente em meados do século passado. Trouxe consigo uns cem livros, os únicos, atrevo-me a afirmar, que don Alejandro leu no decurso da sua vida. (Falo destes livros heterogéneos, que me passaram pelas mãos, porque num deles está a raiz da minha história.) O primeiro Glencoe, ao morrer, deixou uma filha e um filho, que seria depois nosso presidente. A filha casou-se com um Eguren e foi mãe de Fermín. Don Alejandro aspirou em dada altura a ser deputado, mas os chefes políticos fecharam-lhe as portas do Congresso do Uruguai. O homem ficou danado e resolveu fundar outro Congresso de mais vasto alcance. Recordou ter lido numa das vulcânicas páginas de Carlyle o destino daquele Anacharsis Cloots, devoto da deusa Razão, que à cabeça de trinta e seis estrangeiros falou como «orador do género humano» perante uma assembleia de Paris. Movido pelo seu exemplo, don Alejandro concebeu o propósito de organizar um Congresso do Mundo que representaria todos os homens de todas as nações. O centro das reuniões preliminares era a Confeitaria do Gás; o acto de abertura, para o qual se tinha previsto um prazo de quatro anos, teria a sua sede na fazenda de don Alejandro. Este, que como tantos uru-

guaios, não era partidário de Artigas, gostava de Buenos Aires, mas decidira que o Congresso reuniria na sua pátria. Curiosamente, o prazo original havia de cumprir-se com uma precisão quase mágica.

A princípio cobrávamos os nossos honorários, que eram consideráveis, mas o fervor que a todos nos animava fez que Fernández Irala, que era tão pobre como eu, renunciasse aos seus e todos fizemos o mesmo. Essa medida foi benéfica, já que serviu para separar o trigo do joio; o número de congressistas diminuiu e só ficámos os fiéis. O único cargo remunerado foi o da Secretária, Nora Erfjord, que carecia de outros meios de vida e cujo trabalho era esmagador. Organizar uma entidade que abarca o planeta não é uma empresa banal. Expediam-se e recebiam-se cartas e também telegramas. Chegavam adesões do Peru, da Dinamarca e do Indostão. Um boliviano assinalou que a sua pátria carecia de acesso ao mar e que essa lamentável carência deveria ser o tema de um dos primeiros debates.

Twirl, cuja inteligência era lúcida, observou que o Congresso pressupunha um problema de índole filosófica. Planear uma assembleia que representasse todos os homens era como fixar o número exacto dos arquétipos platónicos, enigma que ocupou durante séculos a perplexidade dos pensadores. Sugeriu que, sem ir mais longe, don Alejandro Glencoe podia representar os abastados, mas também os Uruguaios e também os grandes precursores e também os homens de barba ruiva e os que estão sentados numa poltrona. Nora Erfjord era norueguesa. Representaria as secretárias, as norueguesas ou simplesmente todas as mulheres formosas? Bastava um engenheiro para representar todos os engenheiros, incluindo os da Nova Zelândia?

Foi então, creio, que Fermín interveio.

— Ferri está em representação dos gringos — disse com uma gargalhada.

Don Alejandro fixou-o com severidade e disse devagar:

— O senhor Ferri está em representação dos emigrantes, cujo labor está levantando o país.

Fermín Eguren nunca me pôde ver. Exercia diversas soberbas: a de ser uruguaio, a de ser crioulo, a de atrair todas as mulheres, a de ter escolhido um alfaiate caro e, nunca saberei porquê, a da sua estirpe basca, gente que à margem da história não fez outra coisa senão ordenhar vacas.

Um incidente do mais trivial selou a nossa inimizade. Depois de uma sessão, Eguren propôs que fôssemos à Rua Junín. O projecto não me atraía, mas aceitei, para não me expor às suas piadas. Fomos com Fernández Irala. Ao sair de casa, cruzámo-nos com um homem avantajado. Eguren, que devia estar um pouco bebido, deu-lhe um empurrão. O outro barrou-nos o caminho e disse-nos:

— O que tentar safar-se vai ter de passar por esta faca.

Recordo o brilho do aço na obscuridade do portal. Eguren recuou, aterrado. Eu não sabia onde aquilo me iria levar, mas o ódio pôde mais que o susto. Levei a mão à ilharga, como para sacar uma arma, e disse com voz firme:

— Isso é o que vamos ver na rua.

O desconhecido respondeu-me, já com outra voz:

— Assim é que gosto dos homens. Eu queria experimentá-los, amigos.

Agora ria afavelmente.

— Isso de amigo corre por sua conta — repliquei e saímos.

O homem da faca entrou no prostíbulo. Disseram-me depois que se chamava Tapia ou

Paredes ou coisa no estilo e que tinha fama de desordeiro. Já na viela, Irala, que se tinha mantido sereno, aplaudiu-me e declarou com ênfase:

— Entre os três havia um mosqueteiro. Salvé, d'Artagnan!

Fermín Eguren nunca me perdoou ter sido testemunha da sua fraqueza.

Sinto que agora, e só agora, começa a história. As páginas já escritas não registaram senão as condições que o azar ou o destino requeria para que ocorresse o facto inacreditável, talvez o único de toda a minha vida. Don Alejandro Glencoe era ainda o centro da trama, mas sentimos gradualmente, não sem algum assombro e alarme, que o verdadeiro presidente era Twirl. Esse singular personagem de bigode fulgente adulava Glencoe e até Fermín Eguren, mas de um modo tão exagerado que podia passar por um gracejo e não comprometia a sua dignidade. Glencoe tinha a soberba da sua vasta fortuna; Twirl adivinhou que, para impor-lhe um projecto, bastava sugerir que o seu custo era demasiado oneroso. A princípio, o Congresso não passara, suspeito, de um vago nome; Twirl propunha contínuas ampliações, que don Alejandro sempre aceitava. Era como estar no centro dum círculo crescente, que se amplia sem fim, afastando-se. Declarou, por exemplo, que o Congresso não podia prescindir duma biblioteca de livros de consulta; Nierenstein, que trabalhava numa livraria, foi conseguindo-nos os atlas de Justus Perthes e diversas e extensas enciclopédias, desde a **História naturalis** de Plínio e o **Speculum** de Beauvais até aos gratos labirintos (releio estas palavras com a voz de Fernández Irala) dos ilustres enciclopedistas franceses, da **Britannica**, de Pierre Larousse, de Brockhaus, de Larsen e de Montaner y Simón. Recordo ter acariciado com

reverência os sedosos volumes de certa enciclopédia chinesa, cujos bem pincelados caracteres me pareceram mais misteriosos que as manchas da pele dum leopardo. Não direi entretanto o fim que tiveram e que por certo não lamento.

Don Alejandro tinha-se afeiçoado a Fernández Irala e a mim, talvez porque éramos os únicos que não procuravam adulá-lo. Convidou-nos a passar uns dias na fazenda La Caledonia, onde já estavam trabalhando os peões pedreiros.

Ao cabo de uma longa navegação, rio acima, e de uma travessia de jangada, pisámos a outra banda, numa madrugada. Depois tivemos de pernoitar em locandas manhosas e de abrir e fechar muitas cancelas na Cuchilla Negra. Íamos num coche; o campo pareceu-me maior e mais desolado que o da herdade em que nasci.

Conservo ainda as minhas duas imagens da fazenda: a que eu tinha previsto e a que os meus olhos viram por fim. Absurdamente eu tinha imaginado, como num sonho, uma combinação impossível da planície santafesina e do Palácio de las Aguas Corrientes; La Caledonia era uma casa comprida, de adobe, com o tecto de palha a duas águas e com um corredor de ladrilho. Pareceu-me construída para suportar os rigores e a acção do tempo. Quase uma vara de espessura tinham os toscos muros e as portas eram estreitas. A ninguém tinha ocorrido plantar uma árvore. Feriam-na os primeiros e os últimos raios de sol. Os currais eram de pedra; o gado era numeroso, magro e cornudo; as caudas emaranhadas dos cavalos chegavam ao solo. Pela primeira vez conheci o sabor do animal recém-esquartejado. Trouxeram uns sacos com bolacha; disse-me o capataz, dias depois, que não tinha provado pão

em toda a sua vida. Irala perguntou pelo quarto de banho; don Alejandro, com um gesto largo, mostrou-lhe o continente. A noite era de lua; saí a dar uma volta e surpreendi-o, vigiado por uma avestruz.

O calor, que a noite não mitigara, era insuportável e todos encareciam a fresca. Os aposentos eram baixos e muitos e pareceram-me desguarnecidos; destinaram-nos um virado a sul, em que havia dois catres e uma cómoda, com o bacio e a jarra que eram de prata. O piso era de terra.

No dia seguinte dei com a biblioteca e com os volumes de Carlyle e procurei as páginas consagradas ao orador do género humano, Anacharsis Cloots, que me tinha conduzido àquela manhã e àquela solidão. Depois do pequeno almoço, idêntico ao almoço, don Alejandro mostrou-nos os trabalhos. Fizemos uma légua a cavalo, pelos descampados. Irala, cuja equitação era temerosa, sofreu um percalço; o capataz observou sem um sorriso:

— O portenho sabe apear-se muito bem.

De longe vimos a obra. Uma vintena de homens tinha erigido uma espécie de anfiteatro em ruínas. Recordo uns andaimes e uns degraus que deixavam entrever espaços de céu.

Mais de uma vez tentei conversar com os gaúchos, mas o meu empenho fracassou. De certo modo sabiam que eram diferentes. Para entender-se entre eles, usavam parcamente um roufenho espanhol abrasileirado. Sem dúvida pelas suas veias corriam sangue índio e sangue negro. Eram fortes e baixos; em La Caledonia eu era um homem alto, coisa que não me tinha sucedido até então. Quase todos usavam chiripá e um ou outro, bombacha. Pouco ou nada tinham em comum com as dolentes personagens de Hernández ou de Rafael Obligado. Sujeitos ao estímulo do álcool dos sábados,

eram facilmente violentos. Não se via uma mulher e nunca ouvi uma guitarra.

Mais que os homens dessa fronteira interessou-me a mudança total que se dera em don Alejandro. Em Buenos Aires, era um senhor afável e prudente; em La Caledonia, o severo chefe dum clã, como os seus maiores. Aos domingos de manhã lia a Sagrada Escritura aos peões, que não entendiam palavra. Uma noite, o capataz, um rapaz novo, que tinha herdado o cargo de seu pai, avisou-nos que um caseiro e um peão se tinham acometido à punhalada. Don Alejandro levantou-se tranquilo. Chegou à roda, sacou a arma que costumava usar, deu-a ao capataz, que me pareceu acobardado, e abriu caminho por entre as lâminas. Ouvi a seguir a ordem:

— Larguem a faca, rapazes.

Com a mesma voz tranquila acrescentou:

— Agora dêem-me a mão e portem-se bem. Não quero barulhos aqui.

Os dois obedeceram. No outro dia soube que don Alejandro tinha despedido o capataz.

Senti que a solidão me cercava. Temi nunca voltar a Buenos Aires. Não sei se Fernández Irala compartilhou esse temor, mas falámos muito da Argentina e do que faríamos de volta. Tinha saudades dos leões de um portão da Rua Jujuy, perto da Praça del Once, ou da luz de certo armazém de imprecisa topografia, não dos lugares habituais. Sempre fui bom montador; habituei-me a sair a cavalo e a percorrer longas distâncias. Ainda me recordo daquele mouro que eu costumava arrear e que já terá morrido. Talvez uma tarde ou uma noite tenha estado no Brasil, porque a fronteira era apenas uma linha assinalada por marcos.

Aprendera já a não contar os dias quando, ao cabo de um dia como os outros, don Alejandro nos advertiu:

— Agora deitamo-nos. Amanhã saímos pela fresca.

Já rio abaixo senti-me tão feliz, que pude pensar com carinho em La Caledonia.

Retomámos a reunião dos sábados. Na primeira, Twirl pediu a palavra. Disse, com as habituais flores retóricas, que a biblioteca do Congresso do Mundo não podia reduzir-se a livros de consulta e que as obras clássicas de todas as nações e línguas eram um verdadeiro testemunho que não podíamos ignorar sem perigo. A moção foi logo aprovada; Fernández Irala e o doutor Cruz, que era professor de Latim, aceitaram a missão de escolher os textos necessários. Twirl já havia falado do assunto com Nierenstein.

Naquele tempo não havia um só argentino cuja Utopia não fosse a cidade de Paris. Talvez o mais impaciente de nós fosse Fermín Eguren: seguia-se Fernández Irala, por razões muito distintas. Para o poeta de **Los mármoles**, Paris era Verlaine e Leconte de Lisle; para Eguren, um prolongamento melhorado da Rua Junín. Entendera-se, suspeito, com Twirl. Este, noutra reunião, discutiu o idioma que usariam os congressistas e a conveniência de que os delegados fossem a Londres e a Paris, para documentar-se. Para fingir imparcialidade, propôs primeiro o meu nome e, depois duma ligeira vacilação, o do seu amigo Eguren. Don Alejandro, como sempre, concordou.

Creio ter escrito que Wren, em troca de umas lições de italiano, me tinha iniciado no estudo do infinito idioma inglês. Prescindiu, dentro do possível, da gramática e das orações fabricadas para a aprendizagem e entrámos directamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. O meu primeiro contacto com a linguagem que povoaria a minha vida foi o esforçado **Requiem** de Stevenson; depois vie-

ram as baladas que Percy revelou ao decoroso século dezoito. Pouco antes de partir para Londres conheci o deslumbre de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete uma culpa, da eminência dos alexandrinos de Irala.

Desembarquei em Londres em princípios de Janeiro de mil novecentos e dois; recordo a carícia da neve, que eu nunca tinha visto e que agradeci. Felizmente, não me tocou viajar com Eguren. Hospedei-me numa módica pensão por trás do Museu Britânico, a cuja biblioteca acorria de manhã e de tarde, em busca de um idioma que fosse digno do Congresso do Mundo. Não descurei as línguas universais; abordei o esperanto — que o **Lunario sentimental** qualifica de «equitativo, simples e económico» — e o Volapük, que quer explorar todas as possibilidades linguísticas, declinando os verbos e conjugando os substantivos. Considerei os argumentos pró e contra o ressuscitar do latim, cuja nostalgia não cessou de perdurar ao longo dos séculos. Demorei-me ainda no exame do idioma analítico de John Wilkins, onde a definição de cada palavra está nas letras que a formam. Foi sob a alta cúpula da sala que conheci Beatriz.

Esta é a história geral do Congresso do Mundo, não a de Alejandro Ferri, a minha, mas a primeira abarca a última, como a todas as outras. Beatriz era alta, esbelta, de feições puras e uns cabelos ruivos que podiam ter-me lembrado e nunca o fizeram os do oblíquo Twirl. Não tinha ainda vinte anos. Tinha deixado um dos condados do norte para ser aluna de Letras da Universidade. A sua origem, como a minha, era humilde. Ser de cepa italiana em Buenos Aires era ainda deslustroso; em Londres descobri que para muitos era um atributo romântico. Poucas tardes bastaram para sermos amantes; pedi-lhe para casar comigo, mas Beatriz Frost, como Nora Erfjord, era devota da fé pregada por Ibsen e não queria prender-se a ninguém. Da sua boca nasceu a palavra que eu não me atrevia a dizer. Oh noites, oh compartilhada e tíbia treva, oh o amor que flui na sombra como um rio secreto, oh aquele momento da dita em que cada um é os dois, oh a inocência e o candor da dita, oh a união em que nos perdíamos para logo nos perdermos no sonho, oh as primeiras claridades do dia e eu contemplando-a.

Na áspera fronteira do Brasil tinha-me acossado a nostalgia não tanto no rubro labirinto de Londres, que me deu tantas coisas. Apesar dos pretextos que urdi para demorar a partida, tive de voltar no fim do ano; festejámos juntos o Natal. Prometi-lhe que don Alejandro a convidaria para fazer parte do Congresso; replicou-me, de um modo vago, que lhe interessaria visitar o hemisfério austral e que um primo seu, dentista, se radicara na Tasmânia. Beatriz não quis ver o barco; a despedida, no seu entender, era uma afectação, uma insensata festa da desdita, e ela detestava afectações. Despedimo-nos na biblioteca onde nos conhecemos noutro Inverno. Sou um homem cobarde; não lhe deixei a minha direcção, para iludir a angústia de esperar cartas.

Notei já que as viagens de volta duram menos que as de ida, mas a travessia do Atlântico, carregada de saudades e desalento, pareceu-me muito longa. Nada me doía tanto como pensar que paralelamente à minha vida Beatriz iria vivendo a sua, minuto a minuto e noite após noite. Escrevi uma carta de muitas páginas, que rasguei ao zarpar de Montevideu. Cheguei à pátria numa quinta-feira; Irala esperava-me na doca. Voltei ao meu antigo alojamento na Rua Chile; aquele dia e o outro passámo-los

falando e caminhando. Eu queria reapossar-me de Buenos Aires. Foi um alívio saber que Fermín Eguren continuava em Paris; o facto de ter regressado antes dele atenuaria de algum modo a minha longa ausência.

Irala estava desapontado. Fermín delapidava na Europa somas desmedidas e tinha desobedecido mais de uma vez à ordem de voltar imediatamente. Isto era previsível. Mais me inquietaram outras notícias; Twirl, pese a oposição de Irala e de Cruz, invocara Plínio o Jovem, segundo o qual não há livro tão mau que não encerre algo de bom, e propusera a compra indiscriminada de colecções de **La Prensa**, de três mil e quatrocentos exemplares de **Don Quijote**, em diversos formatos, do epistolário de Balmes, de teses universitárias, de contas, de boletins e de programas de teatro. Tudo é um testemunho, dissera. Nierenstein apoiou-o; don Alejandro, «ao cabo de três sábados sonoros», aprovou a moção. Nora Erfjord renunciara ao seu cargo de secretária; substituía-a um sócio novo, Karlinski, que era um instrumento de Twirl. Os desmesurados pacotes iam empilhando-se agora, sem catálogo nem ficheiro, nos aposentos do fundo e na adega do casarão de don Alejandro. Em princípios de Julho, Irala passara uma semana em La Caledonia; os pedreiros tinham interrompido o trabalho. O capataz, interrogado, explicou que assim determinara o patrão e que já tinha sido vencido o prazo.

Em Londres eu tinha redigido um relatório, que não vem ao caso recordar; na sexta-feira, fui saudar don Alejandro e entregar-lhe o meu texto. Acompanhou-me Fernández Irala. Já era de tarde e pela casa soprava o **pampero**. Diante do portão que dava para a Rua Alcina esperava um carro com três cavalos. Recordo-me dos homens encurvados que iam descarregando os

seus fardos no último pátio; Twirl, imperioso, dava-lhes ordens. Ali estavam também, como se pressentissem algo, Nora Erfjord e Nierenstein e Cruz e Donald Wren e mais um ou dois congressistas. Nora abraçou-me e beijou-me e aquele abraço e aquele beijo recordaram-me outros. O negro, bonacheirão e feliz, beijou-me a mão.

Num dos quartos estava aberta a quadrada tampa do sótão; uns degraus de tijolo perdiam-se na sombra.

Bruscamente ouvimos os passos. Antes de vê-lo, soube que era don Alejandro quem entrava. Quase a correr, surgiu.

A voz dele era diferente; não era a do pausado senhor que presidia aos nossos sábados nem a do fazendeiro feudal que proibia um duelo à faca e que pregava aos seus gaúchos a palavra de Deus, mas parecia-se mais com a última.

Sem olhar para ninguém, mandou:

— Vão tirando todo o amontoado aí em baixo. Que não fique um livro no sótão.

A tarefa durou quase uma hora. Acumulámos no pátio de terra uma pilha mais alta que os mais altos. Todos íamos e vínhamos; o único que não se mexeu foi don Alejandro.

Depois veio a ordem:

— Agora deitem fogo a estes fardos.

Twirl estava muito pálido. Nierenstein conseguiu murmurar:

— O Congresso do Mundo não pode prescindir desses auxiliares preciosos que seleccionei com tanto amor.

— O Congresso do Mundo? — disse don Alejandro. Riu devagar e eu nunca o tinha ouvido rir.

Há um misterioso prazer na destruição; as labaredas crepitaram resplandescentes e o pessoal juntou-se contra os muros ou nos quartos.

Noite, cinza e cheiro a queimado juncaram o pátio. Recordo-me de umas folhas perdidas que se salvaram, brancas sobre a terra. Nora Erfjord, que professava por don Alejandro esse amor que as mulheres jovens costumam professar pelos homens velhos, disse sem entender:

— Don Alejandro sabe o que faz.

Irala, fiel à literatura, arriscou uma frase:

— De tantos em tantos séculos há que queimar a Biblioteca de Alexandria.

Chegou-nos então a revelação:

— Quatro anos levei eu a compreender o que lhes digo agora. A empresa que acometemos é tão vasta que abarca — sei-o agora — o mundo inteiro. Não é uns quantos charlatães que disparatam nos barracos duma fazenda distante. O Congresso do Mundo começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó. Não há lugar em que não esteja. O Congresso é os livros que queimámos. O Congresso é os caledónios que derrotaram as legiões dos Césares. O Congresso é Job no esterco e Cristo na cruz. O Congresso é aquele garoto inútil que dizima o meu gado com as rameiras.

Não pude conter-me e interrompi-o:

— Don Alejandro, eu também sou culpado. Eu tinha concluído o relatório, que aqui lhe trago, e demorava-me em Inglaterra e vivia do seu dinheiro, por amor de uma mulher.

Don Alejandro continuou:

— Já o supunha, Ferri. O Congresso é os meus touros. O Congresso é os touros que vendi e as léguas de campo que não são minhas.

Uma voz consternada arriscou-se; era a de Twirl.

— Não diga que vendeu La Caledonia?

Don Alejandro respondeu devagar:

— Sim, vendi. Já não me resta um palmo de terra, mas a ruína não me pesa, porque agora entendo. Talvez não nos vejamos mais, porque o Congresso não precisa de nós, mas esta última noite sairemos todos para ver o Congresso.

Estava ébrio da vitória. Inundaram-nos a sua firmeza e fé. Ninguém pensou sequer um segundo que estivesse louco.

Na praça alugámos uma sege aberta. Eu acomodei-me na boleia, junto ao cocheiro, e don Alejandro ordenou:

— Mestre, vamos percorrer a cidade. Leve--nos por onde quiser.

O negro, encarrapitado num estribo, não parava de sorrir. Nunca saberei se entedeu alguma coisa.

As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada. A que agora quero historiar é apenas minha; morreram os que a compartilhavam. Os místicos invocam uma rosa, um beijo, um pássaro que é todos os pássaros, um sol que é todas as estrelas e o sol, um cântaro de vinho, um jardim ou o acto sexual. Dessas metáforas nenhuma me serve para essa longa noite de júbilo, que nos deixou, cansados e felizes, nos confins da aurora. Quase não falámos, enquanto as rodas e os cascos retumbavam sobre as pedras. Antes da madrugada, junto dum regato obscuro e humilde, que era talvez o Maldonado ou talvez o Riachuelo, a alta voz de Nora Erfjord entoou a balada de Patrick Spens e don Alejandro acompanhou um ou outro verso em voz baixa, desafinadamente. As palavras inglesas não me trouxeram a imagem de Beatriz. Nas minhas costas Twirl murmurou:

— Quis fazer o mal e faço o bem.

Algo do que entrevimos perdura — o rubro paredão da Recoleta, o amarelo paredão do pre-

sídio, um par de homens bailando no ângulo duma esquina, um átrio axadrezado com uma grade, as cancelas do comboio, a minha casa, um mercado, a insondável e húmida noite — mas nenhuma dessas coisas fugazes, porventura outras, importa. Importa haver sentido que o nosso plano, que por mais de uma vez defraudámos, existia realmente e secretamente e éramos nós e o universo. Sem grande esperança, busquei ao longo dos anos o sabor dessa noite; uma vez por outra julguei recuperá-la na música, no amor, na incerta memória, mas não tornou mais, senão naquela madrugada, num sonho. Quando jurámos não dizer nada a ninguém era já a manhã de sábado.

Não os voltei a ver, só Irala. Não comentámos nunca a história; qualquer palavra nossa teria sido uma profanação. Em 1914, don Alejandro Glencoe morreu e foi sepultado em Montevideu. Irala já tinha morrido no ano anterior.

Com Nierenstein cruzei-me uma vez na Rua Lima e fingimos não nos termos visto.

THERE ARE MORE THINGS

À memória de Howard P. Lovecraft

Ia passar o último exame na Universidade de Texas, em Austin, quando soube que meu tio Edwin Arnett morrera de um aneurisma, no confim remoto do Continente. Senti o que sentimos quando alguém morre: a angústia, já inútil, de que nada nos teria custado ter sido melhores. O homem esquece que é um morto que conversa com mortos. A matéria que eu cursava era filosofia; recordei que meu tio, sem invocar sequer um nome próprio, me revelara as suas formosas perplexidades, lá na Casa Encarnada, perto de Lomas. Uma das laranjas da sobremesa foi o seu instrumento para iniciar-me no idealismo de Berkeley; o tabuleiro de xadrez serviu-lhe para os paradoxos eleáticos. Anos depois havia de emprestar-me os tratados de Hinton, que pretende demonstrar a realidade de uma quarta dimensão do espaço, que o leitor pode intuir mediante complicados exercícios com cubos de cores. Nunca esquecerei os prismas e pirâmedes que erguemos no chão do escritório.

Meu tio era engenheiro. Antes de reformar--se do seu cargo nos Caminhos de Ferro, decidiu estabelecer-se em Turdera, que lhe oferecia as vantagens duma solidão quase agreste e da

proximidade de Buenos Aires. Nada mais previsível que o arquitecto fosse o seu íntimo amigo Alexander Muir. Este homem rígido professava a rígida doutrina de Knox; meu tio, à maneira de quase todas as figuras da sua época, era livre-pensador ou, melhor dizendo, agnóstico, mas interessava-o a teologia, como lhe interessavam os falaciosos cubos de Hinton ou os bem arquitectados pesadelos do jovem Wells. Gostava dos cães; tinha um grande ovelheiro ao qual pusera o ápodo de Samuel Johnson em memória de Lichfield, sua longínqua terra natal.

A Casa Encarnada ficava num alto, cercada a poente por terrenos alagadiços. Do outro lado da cerca, as araucárias não atenuavam o seu ar pesado. Em lugar de açoteias havia telhados de ardósia a duas águas e uma torre quadrada com um relógio, que pareciam oprimir as paredes e as parcas janelas. De pequeno, eu acreditava essas fealdades como se aceitam essas coisas incompatíveis que só pela razão de coexistir levam o nome de universo.

Regressei à pátria em 1921. Para evitar litígios tinham arrematado a casa; adquiriu-a um forasteiro, Max Preetorius, que propôs o dobro da quantia oferecida pelo melhor lançador. Feita a escritura, chegou ao anoitecer com dois assistentes e lançaram a um fosso, junto do Camino de las Tropas, todos os móveis, todos os livros e todo o recheio da casa. (Recordei com tristeza os diagramas dos volumes de Hinton e a grande esfera terráquea.) No dia seguinte, fui conversar com Muir e propus-lhe certas reparações, que este repeliu com indignação. Ulteriormente, uma empresa da Capital encarregou-se da obra. Os carpinteiros da localidade negaram-se a mobilar de novo a casa; um tal Mariani, de Glew, aceitou por fim as condições que lhe impôs Preetorius. Durante uma quin-

zena, teve de trabalhar de noite, à porta fechada. Foi também de noite que se instalou na Casa Encarnada o novo habitante. As janelas já não se abriram, mas no escuro divisaram-se frestas de luz. O leiteiro deu uma manhã com o ovelheiro morto no passeio, decapitado e mutilado. No Inverno abateram as araucárias. Ninguém tornou a ver Preetorius, que, segundo parece, não tardou a deixar o país.

Tais notícias, como é de supor, inquietaram-me. Sei que o meu traço mais notório é a curiosidade que me conduziu em dada altura à união com uma mulher de todo alheia a mim, só para saber quem era e como era, a praticar (sem resultados apreciáveis) o uso do láudano, a explorar os números transfinitos e a empreender a atroz aventura que vou referir. Fatalmente decidi abordar o assunto.

O meu primeiro trâmite foi ver Alexander Muir. Recordava-o erecto e moreno, duma magreza que não excluía a força; agora tinham-no encurvado os anos e a barba que fora negra era grisalha. Recebeu-me em sua casa de Temperley, que previsivelmente se parecia com a de meu tio, já que as duas correspondiam às sólidas normas do bom poeta e mau construtor William Morris.

O diálogo foi parco; não é em vão que o símbolo da Escócia é o cardo. Intuí, não obstante, que o espesso chá do Ceilão e a equitativa travessa de **scones** (que o meu anfitrião partia e amanteigava como se eu ainda fosse um menino) eram, de facto, um frugal festim calvinista, dedicado ao sobrinho de seu amigo. As suas controvérsias teológicas com meu tio haviam sido um longo xadrez, que exigia de cada jogador a colaboração do adversário.

O tempo passava e eu não abordava o meu tema. Houve um silêncio incómodo e Muir falou.

— Jovem (**Young man**) — disse ele —, você não navegou até aqui para falarmos de Edwin ou dos Estados Unidos, país que pouco me interessa. O que lhe tira o sono é a venda da Casa Encarnada e esse curioso comprador. A mim também. Francamente, a história desagrada-me, mas vou dizer-lhe o que puder. Não será muito.

Depois, prosseguiu pausadamente:

— Antes de Edwin morrer, o intendente chamou-me ao seu gabinete. Estava com o pároco. Propuseram-me traçar os planos para uma capela católica. Remunerariam bem o meu trabalho. Respondi-lhes de imediato que não. Sou um servidor do Senhor e não posso cometer a abominação de erguer altares para ídolos.

Aqui deteve-se.

— É tudo? — atrevi-me a perguntar.

— Não. Esse judengo de Preetorius queria que eu destruísse a minha obra e que em seu lugar projectasse uma coisa monstruosa. A abominação afecta muitas formas.

Pronunciou estas palavras com gravidade e pôs-se de pé.

Ao dobrar a esquina deparei com Daniel Iberra. Conhecíamo-nos como a gente se conhece nas aldeias. Propôs-me que regressássemos a pé. Nunca me interessaram os maldizentes e previ uma sórdida enfiada de ditos de taberna mais ou menos apócrifos e brutais, mas resignei-me e aceitei. Era quase noite. Ao avistar dali a uns quarteirões a Casa Encarnada lá no alto, Iberra desviou-se. Perguntei-lhe porquê. A sua resposta não foi a que eu esperava.

— Sou o braço direito de don Felipe. Ninguém me tem por fraco. Deves lembrar-te do Urgoiti, aquele moço que se atreveu a tratar-me de tolo e do que lhe sucedeu. Olha. Numa destas noites, eu vinha duma farra. A umas cem varas da quinta, vi algo. O malhado es-

pantou-se-me e se não me estribo e o faço meter pela viela, talvez já cá não estivesse para contar-te. O que vi não era para menos.

Muito incomodado, acrescentou um palavrão.

Naquela noite não dormi. Pela madrugada sonhei com uma gravura à maneira de Piranesi, que nunca tinha visto ou que tinha visto e esquecido, e que representava o labirinto. Era um anfiteatro de pedra, cercado de ciprestes e mais alto que as copas dos ciprestes. Em vez de portas e janelas, havia uma fileira infinita de frestas verticais e estreitas. Com uma lupa, eu procurava ver o minotauro. Por fim avistei-o. Era o monstro de um monstro; tinha menos de touro que de bisonte e, estendido por terra o corpo humano, parecia dormir e sonhar. Sonhar com quê ou com quem?

Nessa tarde passei defronte da Casa. O portão da cerca estava fechado e alguns ferros torcidos. O que antes foi jardim era matagal. À direita havia uma vala de escassa fundura e as bermas estavam pisadas.

Faltava um lance, que fui demorando durante dias, não só por senti-lo de todo vão mas porque me arrastaria ao inevitável, ao último.

Sem grandes esperanças fui a Glew. Mariani, o carpinteiro, era um italiano obeso e rosado, já entrado em anos, do mais comum e cordial. Bastou-me vê-lo para abandonar os estratagemas que urdira na véspera. Entreguei-lhe o meu cartão de visita que soletrou pomposamente em voz alta, com algum tropeço reverencial ao chegar a **doutor**. Disse-lhe que me interessava a mobília fabricada por ele para a propriedade que foi de meu tio, em Turdera. O homem falou, falou. Não irei transcrever as suas muitas e gesticuladas palavras, mas declarou-me que o seu lema era satisfazer todas as exigências do cliente, por estrafalárias que fossem, e que

ele tinha executado o seu trabalho ao pé da letra. Depois de remexer em vários caixotes, mostrou-me uns papéis que não entendi, assinados pelo esquivo Preetorius. (Tomou-me sem dúvida por um advogado.) Ao despedirmo-nos, confiou-me que por todo o ouro do mundo não voltaria a pôr os pés em Turdera e ainda menos na casa. Acrescentou que o cliente é sagrado, mas que, na sua humilde opinião, o senhor Preetorius estava louco. Calou-se logo, arrependido. Nada mais consegui tirar dele.

Eu tinha previsto esse fracasso, mas uma coisa é prever algo e outra que ocorra.

Muitas vezes repeti para mim que não há outro enigma além do tempo, essa infinita trama de ontem, de hoje, de amanhã, de sempre e de nunca. Essas profundas reflexões resultaram inúteis; após ter consagrado a tarde ao estudo de Schopenhauer ou de Royce, eu rondava, noite após noite, pelos caminhos de terra que cercam a Casa Encarnada. Algumas vezes avistei no cimo uma luz muito branca; outras julguei ouvir um gemido. Isto até dezanove de Janeiro.

Foi um desses dias de Buenos Aires em que um homem não só se sente maltratado e ultrajado pelo Verão mas até abjecto. Seriam as onze da noite quando se desencadeou a tormenta. Primeiro o vento sul e depois a água em torrentes. Errei à procura duma árvore. À brusca luz dum relâmpago achei-me a uns passos da cerca. Não sei se com temor ou com esperança experimentei o portão. Inesperadamente, cedeu. Avancei empurrado pela tormenta. O céu e a terra intimavam-me. Também a porta da casa estava meia aberta. Um borrifo de chuva açoitou-me a cara e entrei.

Dentro tinham levantado os ladrilhos e pisei pasto desgrenhado. Um cheio doce e nauseabundo penetrava a casa. À esquerda ou à di-

reita, não sei muito bem, tropecei numa rampa de pedra. Subi precipitadamente. Quase sem querer fiz girar o comutador da luz.

A sala de jantar e a biblioteca das minhas recordações eram agora, derrubada a parede divisória, um só grande aposento desmantelado, com um ou outro móvel. Não cuidarei de descrevê-los, porque não estou seguro de tê-los visto, pese a implacável luz branca. Eu explico-me. Para ver uma coisa há que compreendê-la. O cadeirão pressupõe o corpo humano, suas articulações e partes; as tesouras, o acto de cortar. Que dizer de uma lâmpada ou de um veículo? O selvagem não pode perceber a bíblia do missionário; o passageiro não vê o mesmo cordame que os homens de bordo. Se víssemos realmente o universo, talvez o entendêssemos.

Nenhuma das formas insensatas que essa noite me proporcionou correspondia à figura humana ou a um uso concebível. Senti repulsa e terror. Num dos ângulos descobri uma escada vertical, que dava para o outro piso. Entre os amplos degraus de ferro, que não passariam de dez, havia vãos irregulares. Essa escada, que postulava mãos e pés, era compreensível e de algum modo aliviou-me. Apaguei a luz e aguardei um momento na obscuridade. Não ouvi o mínimo som, mas a presença das coisas incompreensíveis perturbava-me. Por fim decidi-me.

Já em cima a minha receosa mão fez girar pela segunda vez o comutador da luz. O pesadelo que prefigurava o piso inferior agitava-se e florescia no último. Havia muitos objectos ou alguns objectos entrelaçados. Revejo agora uma espécie de longa mesa operatória, muito alta, em forma de U, com vãos circulares nos extremos. Pensei que podia ser a cama do habitante, cuja monstruosa anatomia se reve-

lava assim, obliquamente, como a de um animal ou de um deus, pela sua sombra. De alguma página de Lucano, lida há anos e esquecida, veio à minha boca a palavra **anfisbena**, que sugeria, mas que não esgotava por certo o que veriam a seguir os meus olhos. Recordo ainda um V de espelhos que se perdia na treva superior.

Como seria o habitante? Que procuraria neste planeta, não menos atroz para ele do que ele para nós? De que secretas regiões da astronomia ou do tempo, de que antigo e agora incalculável crepúsculo, teria alcançado este arrabalde sul-americano e esta precisa noite?

Senti-me um intruso no caos. Lá fora tinha cessado a chuva. Olhei para o relógio e vi com assombro que eram quase duas. Deixei a luz acesa e ataquei cautelosamente a descida. Descer por onde tinha subido não era impossível. Descer antes que o habitante voltasse. Presumi que não tinha fechado as duas portas porque não sabia fazê-lo.

Os meus pés tocavam o penúltimo degrau da escada quando senti que algo ascendia pela rampa, opressivo e lento e plural. A curiosidade pôde mais que o medo e não fechei os olhos.

A SEITA DOS TRINTA

O manuscrito original pode consultar-se na Biblioteca da Universidade de Leiden; está em latim, mas certo helenismo justifica a conjectura de que foi vertido do grego. Segundo Leisegang, data do século quarto da era cristã. Gibbon menciona-o, de passagem, numa das notas do capítulo décimo quinto do seu **Decline and Fall**. Reza o autor anónimo:

...«A Seita nunca foi numerosa e agora são parcos os seus prosélitos. Dizimados pelo ferro e pelo fogo dormem à beira dos caminhos ou nas ruínas que a guerra consentiu, já que lhes está vedado construir habitações. Costumam andar nus. Os factos registados pela minha pena são do conhecimento de todos; o meu propósito actual é deixar escrito o que me foi dado descobrir sobre a sua doutrina e seus hábitos. Discuti longamente com os seus mestres e não logrei convertê-los à Fé do Senhor.

«O que primeiro atraiu a minha atenção foi a diversidade dos seus pareceres no que respeita aos mortos. Os mais incultos entendem que os espíritos de quem deixou esta vida se encarregam de enterrá-los; outros, que não se prendem à letra, declaram que a admoestação de Jesus: **Deixa que os mortos enterrem os seus**

mortos, condena a pomposa vaidade dos nossos ritos funerários.

«O conselho de vender o que se possui e de dá-lo aos pobres é acatado rigorosamente por todos; os primeiros beneficiados dão-no a outros e estes a outros. Esta é a explicação suficiente da sua indigência e nudez, que também os avizinha do estado paradisíaco. Repetem com fervor as palavras: **Considerai os corvos, que não semeiam nem ceifam; que não têm adega nem celeiro; e Deus alimenta-os. Quão mais estimáveis não sois vós do que as aves?** O texto proscreve a poupança: **Se assim veste Deus a erva, que hoje está no campo, e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Vós, pois, não procureis o que haveis de comer, o que haveis de beber; nem fiqueis em ansiosa perplexidade.**

«O preceito **Quem olha uma mulher para cobiçá-la, já praticou adultério com ela no seu coração** é um conselho inequívoco de pureza. Todavia, são muitos os sectários que ensinam que se não há debaixo dos céus um homem que não tenha olhado uma mulher para cobiçá-la, todos praticámos o adultério. Já que o desejo não é menos culpado que o acto, os justos podem entregar-se sem risco ao exercício da mais desaforada luxúria.

«A Seita evita as igrejas; os seus doutores pregam ao ar livre, dum outeiro ou de cima dum muro ou às vezes dum bote acostado.

«O nome da Seita suscitou tenazes conjecturas. Uma pretende que nos dê o número a que estão reduzidos os fiéis, o qual é irrisório mas profético, porque a Seita, dada a sua perversa doutrina, está predestinada à morte. Outra deriva-o da altura da arca, que era de trinta côvados; outra, que falseia a astronomia, do número de noites, que são a soma de cada mês lunar; outra, do baptismo do Salvador; outra, dos anos

de Adão, quando surgiu do pó encarnado. Todas são igualmente falsas. Não menos mentiroso é o catálogo de trinta divindades ou troncos, dos quais um é Abraxas, representado com cabeça de galo, braços e torso de homem e remate de enroscada serpente.

«Sei a Verdade mas não posso discorrer sobre a Verdade. O precioso dom de comunicá-la não me foi outorgado. Que outros, mais felizes do que eu, salvem os sectários pela palavra. Pela palavra ou pelo jogo. Mais vale ser executado que matar-se. Limitar-me-ei pois à exposição da abominável heresia.

«O Verbo fez-se carne para ser homem entre os homens, que o sacrificariam à cruz e seriam redimidos por Ele. Nasceu do ventre duma mulher do povo eleito não só para pregar o amor mas para sofrer o martírio.

«Era preciso que as coisas fossem inesquecíveis. Não bastava a morte de um ser humano pelo ferro ou pela cicuta para ferir a imaginação dos homens até ao fim da existência. O Senhor dispôs os factos de maneira patética. Tal é a explicação da última ceia, das palavras de Jesus que pressagiam a entrega, do repetido sinal a um dos seus discípulos, da bênção do pão e do vinho, das juras de Pedro, da solitária vigília em Gethsemani, do sono dos doze, da súplica humana do Filho, do suor como sangue, das espadas, do beijo que atraiçoa, de Pilatos que lava as mãos, da flagelação, do escárnio, dos espinhos, da púrpura e do ceptro de cana, do vinagre com fel, da Cruz no alto duma colina, da promessa ao bom ladrão, da terra que treme e das trevas.

«A divina misericórdia, à qual devo tantas mercês, permitiu-me descobrir a autêntica e secreta razão do nome da Seita. Em Kerioth, onde provavelmente nasceu, perdura um conventículo que se alcunha dos Trinta Dinheiros.

Esse nome foi o primitivo e dá-nos a chave. Na tragédia da cruz — escrevo-o com a devida reverência — houve actores voluntários e involuntários, todos imprescindíveis, todos fatais. Involuntários foram os sacerdotes que entregaram os dinheiros de prata, involuntária foi a plebe que elegeu Barrabás, involuntário foi o procurador da Judeia, involuntários foram os romanos que ergueram a Cruz do Seu martírio e cravaram os cravos e deitaram sortes. Voluntários só houve dois: o Redentor e Judas. Este rejeitou as trintas moedas que eram o preço da salvação das almas e logo se enforcou. Contava então trinta e três anos, como o Filho do Homem. A Seita venera-os por igual e absolve os outros.

«Não há um só culpado; não há um que não seja um executor, ciente ou não do plano que traçou a Sabedoria. Todos partilham agora a Glória.

«A minha mão não resiste a escrever outra abominação. Os iniciados, ao cumprir a idade assinalada, fazem-se escarnecer e crucificar no alto dum monte, para seguir o exemplo de seus mestres. Esta violação criminosa do quinto mandamento deve ser reprimida com o rigor que as leis humanas e divinas sempre exigiram. Que as maldições do Firmamento, que o ódio dos anjos»...

O fim do manuscrito não foi encontrado.

A NOITE DAS MERCÊS

Foi na antiga Confeitaria da Águia, na Rua Florida por altura da Rua da Piedade, que ouvimos a história.

Debatia-se o problema do conhecimento. Alguém invocou a tese platónica de que já tudo vimos num orbe anterior, de sorte que conhecer é reconhecer; meu pai, creio, disse que Bacon tinha escrito que se aprender é recordar, ignorar é de facto ter esquecido. Outro interlocutor, um senhor de idade, que estaria um pouco perdido nessa metafísica, resolveu usar da palavra. Disse com lenta firmeza:

— Não consigo entender isso dos arquétipos platónicos. Ninguém recorda a primeira vez que viu o amarelo ou o negro ou a primeira vez que tomou gosto a uma fruta, talvez porque era muito pequeno e não podia saber que inaugurava uma série muito longa. Decerto, há outras primeiras vezes que ninguém esquece. Eu podia contar-lhe o que me ficou de certa noite que costuma acudir-me à memória, a de trinta de Abril de 74.

Antes os veraneios eram mais longos, mas não sei porque nos demorámos até essa data na estância de uns primos, os Dorna, a umas escassas léguas de Lobos. Por essa altura, um

dos peões, Rufino, iniciou-me nas coisas do campo. Eu ia completar os meus treze anos; ele era bastante maior e tinha fama de audacioso. Era muito ágil; quando simulavam a luta, o que ficava com a cara marcada era sempre o outro. Uma sexta-feira propôs-me que no sábado à noite fôssemos divertir-nos à vila. Claro que acedi, sem saber muito bem do que se tratava. Preveni-o de que eu não sabia dançar; respondeu-me que o dançar se aprende facilmente. Depois do jantar, pelas sete e meia, saímos. Rufino tinha-se arreado como quem vai a uma festa e exibia um punhal de prata; eu fui-me sem a minha navalhita, com receio das brigas. Pouco tardámos a avistar as primeiras casas. Vocês nunca estiveram em Lobos? Tanto faz; não há uma vila da província que não seja idêntica às outras, até ao crer-se distinta. As mesmas ruelas de terra, os mesmos buracos, as mesmas casas baixas, como para que um homem a cavalo ganhe mais importância. Numa esquina apeámo-nos diante duma casa pintada de azul-celeste ou de cor-de-rosa, com umas letras que diziam La Estrella. Atados à cerca havia uns cavalos bem arreados. Pela porta da rua entreaberta vi uma réstea de luz. Ao fundo do vestíbulo havia uma sala comprida, com bancos laterais de tábuas e, entre os bancos, umas portas escuras que dariam sabe-se lá para onde. Um rafeiro de pêlo amarelo veio a ladrar fazer-me festas. Havia bastante gente; uma meia dúzia de mulheres com saias de flores. Uma senhora de respeito, trajada inteiramente de negro, pareceu-me a dona da casa. Rufino saudou-a e disse-lhe:

— Aqui lhe trago um novo amigo, que não é muito de montar.

— Ele aprende, não esteja em cuidado — respondeu a senhora.

Senti vergonha. Para despistar ou para que vissem que eu não era um garoto, pus-me a brincar com o cão, na ponta dum banco. Sobre a mesa da cozinha ardiam umas velas de cebo numas garrafas e lembro-me também do braseirito num canto do fundo. Na parede caiada defronte havia uma imagem da Virgem de la Merced.

Alguém, entre duas piadas, afinava uma guitarra que lhe dava muito trabalho. Por pura timidez não recusei uma genebra que me deixou a boca em brasa. Entre as mulheres havia uma, que me pareceu distinta das outras. Chamavam-lhe a Cativa. Notei-lhe algo de índio, mas as feições eram uma estampa e os olhos muito tristes. A trança chegava-lhe até à cintura. Rufino, que notou que eu a olhava, disse-lhe:

— Torna a contar do saque dos índios, para refrescar a memória.

A rapariga falou com se estivesse sozinha e de certo modo eu senti que não podia pensar noutra coisa e que essa coisa era a única que lhe sucedera na vida. Disse-nos assim:

— Quando me trouxeram de Catamarca eu era muito pequena. Que podia eu saber de saques. Na fazenda nem os contavam de medo. Como um segredo, fui-me inteirando que os índios podiam cair como uma nuvem e matar a gente e roubar os animais. As mulheres levavam-nas lá para os confins e faziam-lhes de tudo. Fiz o que pude para não acreditar. O meu irmão Lucas, que depois flagelaram, jurava-me que era tudo mentira, mas quando uma coisa é verdade basta que alguém a diga uma só vez para que a gente saiba que é certo. O governo dá-lhes vícios e erva para tê-los quietos, mas eles têm bruxos muito precavidos que lhes dão conselho. A uma ordem do cacique não lhes custa nada romper pelos fortins, que estão desamparados. De tanto cismar, eu quase tinha

ganas que viessem e acostumava-me a olhar na direcção em que o Sol se põe. Perdi a conta ao tempo, mas houve geadas e estios e ferras de gado e a morte do filho do capataz antes do saque. Foi como se os trouxesse **o pampero**. Eu vi uma flor de cardo numa vala e sonhei com os índios. De madrugada aconteceu. Os animais souberam antes da gente, como nos tremores de terra. O gado estava inquieto e pelo ar iam e vinham as aves. Pusemo-nos a olhar para onde eu sempre olhava.

— Quem lhes trouxe o aviso? — perguntou alguém.

A rapariga, sempre como se estivesse muito longe, repetiu a última frase.

— Pusemo-nos a olhar para onde eu sempre olhava. Era como se todo o deserto se tivesse posto a andar. Pelas barras da grade de ferro vimos o pó antes dos índios. Vinham ao saque. Batiam com a mão na boca e faziam alaridos. Em Santa Irene havia umas armas compridas, que só deram para aturdir e para aumentar a raiva.

A Cativa falava como quem diz uma reza, de memória, mas eu ouvi na rua os índios do deserto e os gritos. Um empurrão e estavam na sala e foi como se entrassem a cavalo, nas alcovas dum sonho. Eram raianos bêbados. Agora, na memória, vejo-os muito altos. O que vinha na ponta assentou uma cotovelada no Rufino, que estava ao pé da porta. Este desviou-se e chegou-se para um lado. A senhora, que não se tinha mexido do lugar, levantou-se e disse-nos:

— É Juan Moreira.

Com o passar do tempo, já não sei se me recordo do homem dessa noite ou do que veria tantas vezes depois no picadeiro. Penso na melena e na barba negra de Podestá, mas também numa cara rubicunda, picada da varíola.

O rafeiro foi a correr fazer-lhe festas. Com uma chibatada, Moreira deixou-o estendido no solo. Caiu de lombo e morreu movendo as patas. Aqui começa deveras a história.

Alcancei sem ruído uma das portas, que dava para um corredor estreito e uma escada. Em cima, escondi-me num quarto escuro. Além da cama, que era muito baixa, não sei que móveis haveria ali. Eu estava a tremer. Em baixo não cessavam os gritos e algo de vidro se quebrou. Ouvi uns passos de mulher que subiam e vi uma momentânea frincha de luz. Depois a voz da Cativa chamou-me como num sussurro.

— Eu estou aqui para servir, mas a gente de paz. Acerca-te que não te vou fazer nenhum mal.

Já tinha tirado a saia. Estendi-me a seu lado e procurei-lhe a cara com as mãos. Não sei quanto tempo passou. Não houve uma palavra nem um beijo. Desfiz-lhe a trança e brinquei com o cabelo, que era muito fino, e depois com ela. Não voltaríamos a ver-nos e não soube nunca o seu nome.

Um tiro aturdiu-nos. A Cativa disse-me:

— Podes sair pela outra escada.

Assim fiz e encontrei-me na rua de terra batida. A noite era de lua. Um sargento da polícia, com carabina e baioneta calada, estava de vigia ao taipal. Riu-se e disse-me:

— Pelos vistos, tu és dos que madrugam.

Algo terei ripostado, mas não fez caso de mim. Pelo taipal escorregara um homem. De um salto, o sargento cravou-lhe o aço na carne. O homem foi-se ao chão, onde ficou estendido de costas, gemendo e sangrando. Eu lembrei-me do cão. O sargento, para acabá-lo de vez, voltou a espetar a baioneta. Com uma espécie de alegria, disse-lhe:

— Moreira, desta vez de nada te valeu disparar.

De todos os lados acudiram os de uniforme que tinham ido rodeando a casa e depois os vizinhos. Andrés Chirino teve de forcejar para arrancar a arma. Todos queriam apertar-lhe a mão. Rufino disse rindo-se:

— Este compadre já não maltrata mais ninguém.

Eu ia de grupo em grupo, contando à gente o que tinha visto. De repente senti-me muito cansado; talvez tivesse febre. Escapei-me, procurei Rufino e regressámos. Do cavalo, vimos a luz branca da alvorada. Mais do que cansado, senti-me aturdido, por essa torrente de coisas.»

— Pelo grande rio dessa noite — disse meu pai.

O outro anuiu:

— Pois é. Numas escassas horas eu tinha conhecido o amor e tinha visto a morte. A todos os homens são reveladas todas as coisas ou, pelos menos, todas aquelas coisas que a um homem é dado conhecer, mas a mim, da noite para o dia, foram-me reveladas essas duas coisas essenciais. Os anos passam e são tantas as vezes que tenho contado a história que já não sei se a recordo deveras ou se apenas recordo as palavras com que a conto. Sucedeu talvez o mesmo à Cativa com o seu saque. Agora tanto faz que tenha sido eu ou outro quem viu matar Moreira.

O ESPELHO E A MÁSCARA

Travada a batalha de Clontarf, em que foi humilhado o norueguês, o Alto Rei falou com o poeta e disse-lhe:

— As proezas mais claras perdem o seu lustre se não se as cunha em palavras. Quero que cantes a minha vitória e a minha loa. Eu serei Eneias; tu serás o meu Virgílio. Achas-te capaz de acometer essa empresa, que nos fará imortais aos dois?

— Sim, Rei — disse o poeta. — Eu sou o Ollan. Durante doze Invernos cursei as disciplinas da métrica. Sei de memória as trezentas e sessenta fábulas que são a base da verdadeira poesia. Os ciclos de Ulster e de Munster estão nas cordas da minha harpa. As leis autorizam-me a prodigar as vozes mais arcaicas do idioma e as mais complexas metáforas. Domino a escrita secreta que defende a nossa arte do indiscreto exame do vulgo. Posso celebrar os amores, os abactos, as navegações, as guerras. Conheço as linhagens mitológicas de todas as casas reais da Irlanda. Possuo as virtudes das ervas, a astrologia judiciária, as matemáticas e o direito canónico. Derrotei em público certame os meus rivais. Adestrei-me na sátira, que causa enfermidades da pele, incluindo a

lepra. Sei manejar a espada, como o provei na tua batalha. Só uma coisa ignoro: a de agradecer o dom que me fazes.

O Rei, a quem fatigavam facilmente os discursos longos e abstractos, disse-lhe com alívio:

— Bem sei dessas coisas. Acabam de dizer-me que o rouxinol já cantou em Inglaterra. Quando passarem as chuvas e as neves, quando regressar o rouxinol das suas terras do Sul, recitarás a tua loa diante da corte e diante do Colégio de Poetas. Deixo-te um ano inteiro. Limarás cada letra e cada palavra. A recompensa já o sabes, não será indigna do meu real costume nem das tuas inspiradas vigílias.

— Rei, a melhor recompensa é ver o teu rosto — disse o poeta, que era também um cortesão.

Fez as suas reverências e foi-se, entrevendo já algum verso.

Cumprindo o prazo, que foi de epidemias e rebeliões, apresentou o panegírico. Declamou-o com lento acerto, sem um relance pelo manuscrito. O Rei ia aprovando com a cabeça. Todos imitavam o seu gesto, até os que, amontoados às portas, não decifravam uma palavra. Por fim o Rei falou.

— Aceito o tu labor. É outra vitória. Atribuíste a cada vocábulo a sua genuína acepção e a cada nome substantivo o epíteto que lhe deram os primeiros poetas. Não há em toda a loa uma só imagem que não tenham usado os clássicos. A guerra é o formoso tecido de homens e a água da espada é o sangue. O mar tem o seu deus e as nuvens predizem o porvir. Manejaste com destreza a rima, a aliteração, a assonância, as quantidades, os artifícios da douta retórica, sábia alteração dos metros. Se se perdesse toda a literatura da Irlanda — **omen absit** — poderia reconstruir-se sem prejuízo

com a tua clássica ode. Trinta escribas vão transcrevê-la doze vezes.

Houve um silêncio e prosseguiu:

— Tudo está bem e não obstante nada se passou. Nos pulsos não corre mais depressa o sangue. As mãos não buscaram os arcos. Ninguém empalideceu. Ninguém proferiu um grito de batalha, niguém opôs o peito aos Vikings. Dentro do prazo de um ano aplaudiremos outra loa, poeta. Em sinal da nossa aprovação, toma este espelho que é de prata.

— Dou graças e compreendo — disse o poeta.

As estrelas do céu retomaram o seu claro rumo. Outra vez cantou o rouxinol nos bosques saxões e o poeta regressou com o seu códice, menos longo que o anterior. Não o repetiu de memória; leu-o com visível insegurança, omitindo certas passagens, como se ele próprio não as entendesse de todo ou não quisesse profaná-las. A página era estranha. Não era uma descrição da batalha, era a batalha. Na sua desordem bélica agitavam-se o Deus que é Três e é Uno, os numes pagãos da Irlanda e os que combateriam, centenas de anos depois, no princípio da Edda Mayor. A forma não era menos curiosa. Um substantivo singular podia reger um verbo plural. As preposições eram alheias às normas comuns. A aspereza alternava com a doçura. As metáforas eram arbitrárias ou assim o pareciam.

O Rei trocou algumas palavras com os homens de letras que o rodeavam e falou desta maneira:

— Da tua primeira loa pude afirmar que era um feliz resumo de quanto se há cantado na Irlanda. Esta supera todo o anterior e do mesmo passo o aniquila. Suspende, maravilha e deslumbra. Não a merecerão os ignaros, mas sim os doutos, os raros. Um cofre de marfim

será a custódia do único exemplar. Da pena que produziu obra tão eminente podemos esperar todavia uma obra mais elevada.

Acrescentou com um sorriso:

— Somos figuras de uma fábula e é justo recordar que nas fábulas prima o número três.

O poeta atreveu-se a murmurar:

— Os três dons do feiticeiro, as tríadas e a indubitável Trindade.

O Rei prosseguiu:

— Como prenda da nossa aprovação, toma esta máscara de ouro.

— Entendi e agradeço — disse o poeta.

O aniversário passou. As sentinelas do palácio advertiram que o poeta não trazia manuscrito. Não sem espanto o Rei fitou-o; quase era outro. Algo, que não era o tempo, havia sulcado e transformado as suas feições. Os olhos pareciam olhar muito longe ou ter ficado cegos. O poeta rogou-lhe que trocasse umas palavras com ele. Os escravos abandonaram a câmara.

— Não executaste a ode? — perguntou o Rei.

— Sim — disse tristemente o poeta. — Oxalá Cristo Nosso Senhor mo tivesse proibido.

— Podes repeti-la?

— Não me atrevo.

— Eu dou-te o valor que te faz falta — declarou o Rei.

O poeta disse o poema. Era só uma linha.

Sem animar-se a pronunciá-la em voz alta, o poeta e o seu Rei saborearam-na, como se fora uma prece secreta ou uma blasfémia. O Rei não estava menos maravilhado e menos atribulado que o outro. Ambos se olharam, muito pálidos.

— Nos anos da minha juventude —disse o Rei — naveguei rumo ao acaso. Numa ilha vi lebréus de prata que davam morte a javalis de ouro. Noutra alimentámo-nos com a fragância

das maçãs mágicas. Noutra vi muralhas de fogo. Na mais longe de todas um rio abobadado e pendente sulcava o céu e pelas suas águas iam peixes e barcos. Estas são maravilhas, mas não se comparam com o teu poema, que de certo modo as encerra. Que feitiço to doou?

— Pela madrugada — disse o poeta — despertei dizendo umas palavras que ao princípio não compreendi. Essas palavras são um poema. Senti que tinha cometido um pecado, talvez esse que o Espírito não perdoa.

— Esse que agora compartilhamos os dois — murmurou o Rei. — O de ter conhecido a Beleza, que é um dom vedado aos homens. Agora cabe-nos expiá-lo. Dei-te um espelho e uma máscara de ouro; tenho aqui a terceira prenda que será a última.

Depôs-lhe na mão direita uma adaga.

Do poeta sabemos que se matou ao sair do palácio; do Rei, que é um mendigo que percorre os caminhos da Irlanda, que foi seu reino, e que nunca repetiu o poema.

UNDR

Devo prevenir o leitor que as páginas que transcrevo se buscarão em vão no **Libellus** (1615) de Adão de Bremen, que, como é sabido, nasceu e morreu no século onze. Lappenberg achou-as num manuscrito da Bodleiana de Oxford e julgou-as, dada a cópia de pormenores circunstanciais, uma tardia interpolação, mas publicou-as, a título de curiosidade, nos seus **Analecta Germanica** (Leipzig, 1894). O parecer dum mero aficionado argentino vale muito pouco; julgue-as o leitor como queira. A minha versão espanhola não é literal, mas é digna de fé.

Escreve Adão de Bremen:

...«Das nações que confinam com o deserto que se dilata pela outra margem do Golfo, além das terras em que procria o cavalo selvagem, a mais digna de menção é a dos Urnos. A incerta ou fabulosa informação dos mercadores, os azares do rumo e as depredações dos nómadas nunca me permitiram alcançar o seu território. Consta-me, contudo, que as suas precárias e apartadas aldeias ficam nas terras baixas do Vístula. Ao contrário dos Suecos, os Urnos professam a genuína fé de Jesus, não maculado de arianismo nem do sangrento culto

dos demónios, dos quais derivam a sua estirpe as casas reais de Inglaterra e de outras nações do Norte. São pastores, navegantes, feiticeiros, forjadores de espadas e tecelões. Devido à inclemência das guerras quase não aram a terra. A planície e as tribos que a percorrem fizeram-nos muito destros no manejo do cavalo e do arco. Uma pessoa acaba sempre por assemelhar-se aos seus inimigos. As lanças são mais longas que as nossas, já que são de ginetes e não de peões.

Desconhecem, como é de supor, o uso da pena, do corno de tinta e do pergaminho. Gravam os seus caracteres como os nossos maiores as runas que Odin lhes revelou, depois de suspenso do freixo, Odin sacrificado a Odin, durante nove noites.

A estas notícias gerais acrescentarei a história do meu diálogo com o islandês Ulf Sigurdarson, homem de graves e medidas palavras. Encontrámo-nos em Uppsala, ao pé do templo. O fogo de lenha morrera; pelas fendas desiguais da parede foram entrando o frio e a alvorada. Lá fora deixariam a sua cautelosa marca na neve os lobos pardos que devoram a carne dos pagãos destinados aos três deuses. O nosso colóquio havia começado em latim, como é de uso entre clérigos, mas não tardámos a passar à língua do norte que se dilata desde a Última Thule até aos mercados da Ásia. O homem disse:

— Sou da estirpe de **Skalds**; bastou-me saber que a poesia dos Urnos consta de uma só palavra para iniciar a sua busca e o trajecto que me conduziria à sua terra. Cheguei ao cabo de um ano, não sem fadigas e trabalhos. Era de noite; adverti que os homens que se cruzavam no meu caminho me olhavam curiosamente e atingiu-me uma ou outra pedrada. Vi o resplendor duma forja e entrei.

O ferreiro ofereceu-me albergue para a noite. Chamava-se Orm. A sua língua era mais ou menos a nossa. Trocámos algumas palavras. Dos seus lábios ouvi pela primeira vez o nome do rei, que era Gunnlaug. Soube que travada a última guerra, olhava com receio os forasteiros e que era seu hábito crucificá-los. Para iludir esse destino, menos adequado a um homem que a um Deus, empreendi a escrita duma **drapa**, ou composição laudatória, que celebrava as vitórias, a fama e a misericórdia do rei. Mal a aprendi de cor vieram buscar-me dois homens. Não quis entregar-lhes a minha espada, mas deixei-me conduzir.

Ainda havia estrelas na madrugada. Atravessámos um espaço de terra com choças dos lados. Tinham-me falado de pirâmides; o que vi na primeira das praças foi um poste de madeira amarela. Distingui numa ponta a figura negra de um peixe. Orm, que nos havia acompanhado, disse-me que esse peixe era a Palavra. Na praça seguinte vi um poste vermelho com um disco. Orm repetiu que era a Palavra. Pedi-lhe que ma dissesse. Disse-me que era um simples artesão e que não a sabia.

Na terceira praça, que foi a última, vi um poste pintado de negro, com um desenho que esqueci. No fundo havia uma longa parede direita, cujos extremos não avistei. Comprovei depois que era circular, coberta de barro, sem portas interiores, e que dava a volta à cidade. Os cavalos atados à paliçada eram baixos e crinudos. Ao ferreiro não o deixaram entrar. Dentro havia gente de armas, toda de pé. Gunnlaug, o rei, que estava doente, jazia com os olhos semicerrados numa espécie de tarimba, sobre umas peles de camelo. Era um homem gasto e amarelento, uma coisa sagrada e quase esquecida; velhas e largas cicatrizes cruzavam-lhe o peito. Um dos soldados abriu-

-me caminho. Alguém trouxera uma harpa. Ajoelhado, entoei em voz baixa a **drapa**. Não faltavam a figuras retóricas, as aliterações e os acentos que o género requer. Não sei se o rei a compreendeu, mas deu-me um anel que guardo ainda. Debaixo da almofada pude entrever o fio de um punhal. À sua direita havia um tabuleiro de xadrez, com uma centena de casas e umas poucas de peças desordenadas.

A guarda empurrou-me para o fundo. Um homem tomou o meu lugar, de pé. Feriu as cordas como para afiná-las e repetiu em voz baixa a palavra que eu teria querido penetrar e não penetrei. Alguém disse com reverência: **Agora não quer dizer nada.**

Vi algumas lágrimas. O homem elevava ou baixava a voz e os acordes quase iguais eram monótonos ou, melhor ainda, infinitos. Eu teria gostado que o canto continuasse para sempre e que fosse a minha vida. Bruscamente cessou. Ouvi o ruído da harpa quando o cantor, sem dúvida exausto, a arrojou ao solo. Saímos em desordem. Fui dos últimos. Vi com assombro que a luz estava declinando.

Caminhei uns passos. Uma mão no ombro deteve-me. Disse-me:

— O anel do rei foi o teu talismã mas não tardarás a morrer porque ouviste a Palavra. Eu, Bjarni Thorkelsson, te salvarei. Sou de estirpe de **Skalds**. No teu ditirambo apodaste água da espada o sangue e batalha de homens a batalha. Recordo ter ouvido essas figuras ao pai do meu pai. Tu e eu somos poetas; vou salvar-te. Agora não definimos cada facto que inflama o nosso canto; cifrámo-lo numa só palavra que é a Palavra.

Respondi-lhe:

— Não pude ouvi-la. Peço-te que me digas qual é.

Vacilou uns instantes e respondeu:

— Jurei não revelá-la. Aliás, ninguém pode ensinar nada. Deves procurá-la sozinho. Apressemo-nos, que a tua vida corre perigo. Vou esconder-te em minha casa, onde não se atreverão a procurar-te. Se o vento for de feição, navegarás amanhã para o sul.

Assim teve início a aventura que duraria tantos Invernos. Não referirei os seus azares nem tratarei de recordar a ordem cabal das suas inconstâncias. Fui remador, mercador de escravos, escravo, lenhador, salteador de caravanas, cantor, vedor de águas profundas e de metais. Padeci cativeiro durante um ano nas minas de mercúrio, que atacam os dentes. Servi com homens da Suécia na guarda de Mikligarthr (Constantinopla). Nas margens do Azov amou-me uma mulher que não esquecerei; deixei-a ou deixou-me ela, que é o mesmo. Fui traído e traí. Mais de uma vez o destino me fez matar. Um soldado grego desafiou-me e deu-me a escolher duas espadas. Uma excedia de um palmo a outra. Compreendi que procurava intimidar-me e escolhi a mais curta. Perguntou-me porquê. Respondi-lhe que do meu punho ao seu coração a distância era igual. Numa margem do Mar Negro está o epitáfio rúnico que gravei para o meu companheiro Leif Arnarson. Combati com os Homens Azuis de Serkland os Sarracenos. No correr do tempo fui muitos, mas esse torvelinho foi um longo sonho. O essencial era a Palavra. Cheguei a descrer dela. Repeti para mim que era insensato renunciar ao belo jogo de combinar belas palavras e que não há razão para procurar uma só, talvez ilusória. Foi vão tal pensamento. Um missionário propôs-me a palavra Deus, que repeli. Certa madrugada à margem de um rio que se dilatava pelo mar julguei ter achado a revelação.

Voltei à terra dos Urnos e a custo encontrei a casa do cantor.

Entrei e disse o meu nome. Já era de noite. Thorkelsson disse-me do chão que acendesse uma vela no castiçal de bronze. Tanto envelhecera a sua cara que não pude deixar de pensar que também eu era velho. Ao costume perguntei-lhe pelo seu rei. Replicou-me:

— Já se chama Gunnlaug. Agora é outro o seu nome. Conta-me por miúdo as tuas viagens.

Fi-lo em melhor ordem e com prolixos pormenores que omito. Antes do fim interrogou-me:

— Cantaste muitas vezes por essas terras?

A pergunta apanhou-me de surpresa.

— A princípio — disse-lhe — cantei para ganhar a vida. Depois, um temor que não compreendo afastou-me do canto e da harpa.

— Está bem — assentiu. — Já podes prosseguir com a tua história.

Acatei a ordem. Sobreveio depois um longo silêncio.

— Que te deu a primeira mulher que tiveste?

— Tudo — respondi-lhe.

— A mim também a vida me deu tudo. A todos a vida lhes dá tudo mas muitos o ignoram. A minha voz está cansada e os meus dedos débeis, mas escuta-me.

Disse a palavra **Undr**, que quer dizer maravilha.

Senti-me arrebatado pelo canto do homem que morria, mas no seu canto e no seu acorde vi os meus próprios trabalhos, a escrava que me deu o primeiro amor, os homens que matei, as alvoradas de frio, a madrugada sobre a água, os remos. Peguei na harpa e cantei com uma palavra diversa.

— Está bem — disse o outro e tive de acercar-me para ouvi-lo. — Entendeste-me.»

UTOPIA DE UM HOMEM QUE ESTÁ CANSADO

Llamóla Utopía, **voz griega cuyo significado es** no **hay tal lugar.**

Quevedo

Não há dois montes iguais, mas em qualquer lugar da terra a planície é una e idêntica.

Seguia por um caminho da planície. Perguntei a mim mesmo sem muita curiosidade onde estaria, se em Oklahoma ou no Texas ou na região a que os literatos chamam pampa. Nem à direita nem à esquerda vi qualquer vedação. Como de outras vezes repeti devagar estas linhas, de Emilio Oribe:

En medio de la pánica llanura interminable
Y cerca del Brasil,

que vão crescendo e avolumando-se.

O caminho era desigual. Começou a cair a chuva. A uns duzentos ou trezentos metros vi a luz de uma casa. Era baixa e rectangular e cercada de árvores. Abriu-me a porta um homem tão alto que quase me meteu medo. Estava vestido de cinzento. Senti que esperava alguém. Não havia fechadura na porta.

Entrámos num extenso aposento com as paredes de madeira. Pendia do tecto uma lâmpada de luz amarelada. A mesa, por qualquer razão, intrigou-me. Na mesa havia uma clepsidra, a primeira que vi, além de uma gravada

em aço. O homem indicou-me uma das cadeiras.

Ensaiei diversas línguas e não nos entendemos. Quando ele falou fê-lo em latim. Reuni as minhas já longínquas memórias de bacharel e preparei-me para o diálogo.

— Pela roupa — disse-me —, vejo que chegas de outro século. A diversidade das línguas favorecia a diversidade dos povos e até das guerras; a terra regressou ao latim. Há quem receie que volte a degenerar em francês, em limosino ou em pipiar, mas o risco não é imediato. Para mais, nem o que foi nem o que será me interessam.

Não disse nada e ele acrescentou:

— Se não te desagrada ver alguém comer queres acompanhar-me?

Compreendi que notava a minha inquietação e disse que sim.

Atravessámos um corredor com portas laterais, que dava para uma pequena cozinha onde tudo era de metal. Voltámos com o jantar numa bandeja: malgas com espigas de milho, um cacho de uvas, uma fruta desconhecida cujo sabor me recordou o do figo e um grande jarro de água. Creio que não havia pão. Os traços do meu hóspede eram agudos e tinham algo de singular nos olhos. Não esquecerei esse rosto severo e pálido que não tornarei a ver. Não gesticulava ao falar.

Tolhia-me a obrigação do latim, mas finalmente disse-lhe:

— Não te assombra a minha súbita aparição?

—Não — replicou-me —, tais visitas ocorrem-nos de século em século. Não duram muito; o mais tardar estarás amanhã em tua casa.

A convicção da sua voz bastou-me. Julguei prudente apresentar-me:

— Sou Eudoro Acevedo. Nasci em 1897, na cidade de Buenos Aires. Completei já setenta anos. Sou professor de letras inglesas e americanas e escritor de contos fantásticos.

— Recordo ter lido sem desagrado — respondeu-me — dois contos fantásticos. As Viagens do Capitão Lemuel Gulliver, que muitos consideram verídicas, e a Suma Teológica. Mas não falemos de factos. Já ninguém se importa com os factos. São meros pontos de partida para a invenção e o raciocínio. Nas escolas ensinam-nos a dúvida e a arte de esquecer. Sobretudo a esquecer o pessoal e o local. Vivemos no tempo, que é sucessivo, mas tentamos viver **sub specie aeternitatis.** Do passado restam-nos alguns nomes, que a linguagem tende a esquecer. Evitamos as inúteis concisões. Não há cronologia nem história. Também não há estatísticas. Disseste-me que te chamas Eudoro; eu não posso dizer-te como me chamo, porque me chamam alguém.

— E como se chamava o teu pai?

— Não se chamava.

Numa das paredes vi uma estante. Abri um volume ao acaso; as letras eram claras e indecifráveis e traçadas à mão. As suas linhas angulosas recordaram-me o alfabeto rúnico, que, no entanto, só foi empregue na escrita epigráfica. Pensei que os homens do porvir não só eram mais altos como mais hábeis. Instintivamente olhei para os longos e finos dedos do homem.

Este disse-me:

— Agora vais ver algo que nunca viste.

Passou-me com cuidado um exemplar da **Utopia** de More, impresso em Basileia no ano de 1518 e em que faltavam folhas e gravuras.

Não sem ênfase repliquei:

— É um livro impresso. Lá em casa haverá mais de dois mil, embora não tão antigos nem tão precisos.

Li em voz alta o título.

O outro riu-se.

— Ninguém pode ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado da meia dúzia. Aliás não é ler que importa, mas reler. A imprensa, agora abolida, foi um dos piores males do homem, já que levou a multiplicar até à vertigem textos desnecessários.

— No meu curioso passado — respondi —, prevalecia a superstição de que entre cada tarde e cada manhã ocorrem factos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros colectivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém sabia a história desses entes platónicos, mas antes os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes enviaram, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão que era própria do género.

Tudo isto se lia para o esquecimento, porque em poucas horas o apagariam outras trivialidades. De todas as funções, a do político era sem dúvida a mais pública. Um embaixador ou um ministro era uma espécie de inválido que era preciso trasladar em longos e ruidosos veículos, cercado de ciclistas e granadeiros e aguardado por ansiosos fotógrafos. É como se lhes tivessem cortado os pés, costumava dizer minha mãe. As imagens e a letra impressa eram mais reais do que as coisas. Só o publicado era verdadeiro. **Esse est percipi** (ser é ser retratado) era o princípio, o meio e o fim do nosso singular conceito do mundo. No passado que me tocou, a gente era ingénua; achava que uma mercadoria era boa porque assim o afirmava e

o repetia o próprio fabricante. Também eram frequentes os roubos, contudo ninguém ignorava que a posse de dinheiro não traz maior felicidade nem maior tranquilidade.

— Dinheiro? — repetiu. — Já não há quem sofra de pobreza, que terá sido insuportável, nem de riqueza, que terá sido a forma mais incómoda da vulgaridade. Cada qual exerce um ofício.

— Como os rabinos — disse-lhe.

Pareceu não entender e prosseguiu.

— Também não há cidades. A julgar pelas ruínas da Bahía Blanca, que tive a curiosidade de explorar, não se perdeu muito. Como não há bens, não há heranças. Quando aos cem anos o homem atinge a maturidade, pode encarar consigo próprio e com a sua solidão. Já engendrou um filho.

— Um filho? — perguntei.

— Sim. Um só. Não convém fomentar o género humano. Há quem pense que é um órgão da divindade para ter consciência do universo, mas ninguém sabe ao certo se existe tal divindade. Creio que agora se discutem as vantagens e desvantagens de um suicídio gradual ou simultâneo de todos os homens do mundo. Mas voltemos ao nosso.

Concordei.

— Cumpridos os cem anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. As doenças e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce algumas das artes, a filosofia, as matemáticas ou joga um xadrez solitário. Quando quer mata-se. O homem é dono da sua vida, também o é da sua morte.

— Trata-se de uma citação? — perguntei-lhe.

— Seguramente. Já só nos restam citações. A língua é um sistema de citações.

— E a grande aventura do meu tempo, as viagens espaciais? — disse-lhe.

— Há séculos que renunciámos a essas translações, que foram certamente admiráveis. Nunca pudemos evadir-nos de um aqui e de um agora.

Com um sorriso acrescentou:

— Aliás, toda a viagem é espacial. Ir de um planeta a outro é como ir à quinta em frente. Quando você entrou neste quarto estava executando uma viagem espacial.

— Pois é — repliquei. — Também se falava de substâncias químicas e de animais zoológicos.

O homem agora virava-me as costas e olhava através dos vidros. Lá fora, a planície estava branca de silenciosa neve e de lua.

Atrevi-me a perguntar:

— Ainda há museus e bibliotecas?

— Não. Queremos esquecer o passado, salvo para a composição de elegias. Não há comemorações nem centenários nem efígies de homens mortos. Cada um deve produzir à sua conta as ciências e as artes de que necessita.

— Nesse caso, cada um tem de ser o seu próprio Bernard Shaw, o seu próprio Jesus Cristo e o seu próprio Arquimedes.

Anuiu sem uma palavra. Inquiri:

— Que sucedeu com os governos?

— Segundo a tradição foram caindo gradualmente em desuso. Convocavam eleições, declaravam guerras, lançavam impostos, confiscavam fortunas, ordenavam prisões e pretendiam impor a censura e ninguém no planeta os acatava. A imprensa deixou de publicar as suas colaborações e as suas efígies. Os políticos tiveram de procurar ofícios honestos; alguns foram bons cómicos ou bons curandeiros. A realidade terá sido decerto mais complexa do que este resumo.

Mudou de tom e disse:

— Construí esta casa, que é igual a todas as outras. Lavrei estes móveis e estes utensílios. Cultivei o campo, que outros cujo rosto não vi cultivarão melhor do que eu. Posso mostrar-te algumas coisas.

Segui-o até um aposento contíguo. Acendeu uma lâmpada, que também pendia do tecto. Num canto vi um harpa de poucas cordas. Nas paredes havia telas rectangulares em que predominavam os tons da cor amarela. Não pareciam proceder da mesma mão.

— Esta é a minha obra — declarou.

Examinei as telas e detive-me diante da mais pequena, que figurava ou sugeria um pôr de Sol que encerrava algo infinito.

— Se gostas podes levá-la, como lembrança de um amigo futuro — disse com voz tranquila.

Agradeci-lhe, mas outras telas inquietaram-me. Não direi que estavam em branco, mas sim quase em branco.

— Estão pintadas com cores que os teus antigos olhos não podem ver.

As delicadas mãos tangeram as cordas da harpa e apenas ouvi um ou outro som.

Foi então que se ouviram as pancadas.

Uma mulher alta e três ou quatro homens entraram na casa. Dir-se-ia que eram irmãos ou que os havia igualado o tempo. O meu hóspede falou primeiro com a mulher.

— Sabia que esta noite não faltarias. Tens visto o Nils?

— De vez em quando. Continua sempre entregue à pintura.

— Esperemos que com melhor sorte do que o pai.

Manuscritos, quadros, móveis, utensílios. Não deixámos nada na casa.

A mulher trabalhou junto com os homens. Envergonhei-me da minha fraqueza que quase

não me permitia ajudá-los. Ninguém fechou a porta e saímos, carregados com as coisas. Notei que o tecto era a duas águas.

Ao cabo de quinze minutos de caminho, dobrámos à esquerda. No fundo distingui uma espécie de torre, coroada por uma cúpula.

— É o crematório — disse alguém. — Dentro está a câmara letal. Dizem que a inventou um filantropo cujo nome, creio, era Adolfo Hitler.

O encarregado, cuja estatura não me assombrou, abriu-nos a grade.

O meu hóspede sussurrou umas palavras. Antes de entrar no recinto despediu-se com um aceno.

— A neve vai continuar — anunciou a mulher.

No meu escritório da Rua México guardo a tela que alguém pintará, dentro de milhares de anos, com materiais hoje dispersos no planeta.

O SUBORNO

A história que passo a narrar é a de dois homens, ou melhor, a de um episódio em que intervieram dois homens. O facto em si, nada singular ou fantástico, é menos interessante que o carácter dos seus protagonistas. Ambos pecaram por vaidade, mas de forma bem distinta e com distintos resultados. O incidente (na realidade não é muito mais) ocorreu há bem pouco, num dos estados da América. Acho que não pôde ter ocorrido noutro lugar.

Em fins de 1961, na Universidade de Texas, em Austin, tive ocasião de conversar longamente com um dos dois, o doutor Ezra Winthrop. Era professor de inglês antigo (não aprovava o emprego da palavra **anglo-saxão**, que sugere um artefacto feito de duas peças). Recordo que sem contradizer-me uma só vez corrigiu os meus erros e temerárias presunções. Disseram-me que nos exames preferia não formular uma única pergunta; convidava o aluno a discorrer sobre um ou outro tema, deixando-lhe à escolha o ponto preciso. De velha raiz puritana, oriundo de Boston, custara-lhe adaptar-se aos hábitos e preconceitos do Sul. Estranhava a neve, mas observei que à gente do Norte ensinam a precaver-se do frio, como nós do calor.

Guardo a imagem já confusa de um homem sobre o alto, de cabelo grisalho, menos ágil do que forte. Mais clara é a minha lembrança do seu colega Herbert Locke, que me deu um exemplar do seu livro **Toward a History of the Kenning**, onde se lê que os Saxões não tardaram a prescindir dessas metáforas um tanto mecânicas (caminho da baleia em vez de mar, falcão da batalha em vez de águia), ao passo que os poetas escandinavos as foram combinando e entrelaçando até ao inextricável. Mencionei Herbert Locke porque é parte integrante do meu relato.

Abordo agora o islandês Eric Einarsson, por ventura o verdadeiro protagonista. Não o vi nunca. Chegou ao Texas em 1969, quando eu estava em Cambridge, mas as cartas de um amigo comum, Ramón Martínez López, deixaram-me a convicção de conhecê-lo intimamente. Sei que é impetuoso, enérgico e frio; numa terra de homens altos, é alto. Dado o seu cabelo ruivo era inevitável que os estudantes o apodassem de Eric, o Ruivo. Opinava que o uso do **slang**, forçosamente erróneo, faz do estrangeiro um intruso e não condescendeu nunca no O. K. Bom investigador das línguas nórdicas, do inglês, do latim e — se bem que não o confessasse — do alemão, pouco lhe custou abrir caminho nas universidades da América. O seu primeiro trabalho foi uma monografia sobre os quatro artigos que dedicou De Quincey à influência que deixou o dinamarquês na região lacustre de Westmoreland. Seguiu-se-lhe uma segunda sobre o dialecto dos camponeses de Yorkshire. Ambos os estudos foram bem acolhidos, mas Einarsson pensou que a sua carreira precisava de algum elemento de assombro. Em 1970 publicou em Yale uma copiosa edição crítica da balada de Maldon. O **scholarship** das notas era inegável, mas certas hipóteses

do prefácio suscitaram alguma discussão nos quase secretos círculos académicos. Einarsson afirmava, por exemplo, que o estilo da balada é afim, ainda que de um modo longínquo, do fragmento heróico de Finnsburh, não da retórica pausada de Beowulf, e que o seu manejo de comovedores traços circunstanciais prefigura curiosamente os métodos que não sem justiça admiramos nas sagas da Islândia. Emendou também várias lições do texto de Elphinston. Já em 1969 tinha sido nomeado professor na Universidade de Texas. Como é sabido, são habituais nas universidades americanas os congressos de germanistas. Ao doutor Winthrop tocara-lhe o turno anterior em East Lansing. O chefe do departamento que preparava o seu Ano Sabático pediu-lhe que pensasse num candidato para a próxima sessão em Wisconsin. Aliás, estes não passavam de dois: Herbert Locke ou Eric Einarsson.

Winthrop, como Carlyle, renunciara à fé puritana de seus maiores, mas não ao sentimento da ética. Não se eximira a dar o conselho; o seu dever era claro. Herbert Locke, desde 1954, não lhe havia regateado a ajuda para certa edição anotada da Gesta de Beowulf que, em determinadas instituições de estudo, tinha substituído o manejo da de Klaeber; agora estava compilando uma obra muito útil para a germanística: um dicionário inglês-anglo-saxão, que pouparia aos leitores a consulta, muitas vezes inútil, dos dicionários etimológicos. Einarsson era bastante mais jovem; a sua petulância granjeava-lhe a aversão geral, sem excluir a de Winthrop. A edição crítica de Finnsbuch contribuíra, e muito, para divulgar o seu nome. Era facilmente polémico; no Congresso teria melhor papel do que o taciturno e tímido Locke. Estava Winthrop nessas reflexões quando ocorreu o facto.

Em Yale apareceu um extenso artigo sobre o ensino universitário da literatura e da língua dos Anglo-Saxões. Ao fundo da última página liam-se as transparentes iniciais E. E. e, como para afastar qualquer dúvida, o nome de Texas. O artigo, redigido num correcto inglês de estrangeiro, não se permitia a menor descortesia mas continha certa violência. Argumentava que iniciar aquele estudo pela gesta de Beowulf, obra de data arcaica mas de estilo pseudovirgiliano e retórico, era pelo menos tão arbitrário como iniciar o estudo do inglês pelos intrincados versos de Milton. Aconselhava uma inversão da ordem cronológica: começar pela Sepultura do século onze que deixa transparecer o idioma actual, e em seguida retroceder até às origens. No que se refere a Beowulf, bastava algum fragmento extraído do tediento conjunto de três mil linhas; por exemplo os ritos funerários de Scyld, que torna ao mar donde veio. Não se mencionava sequer uma vez o nome de Winthrop, mas este sentiu-se persistentemente agredido. Tal circunstância importava-lhe menos do que o facto de impugnarem o seu método pedagógico.

Faltavam poucos dias. Winthrop queria ser justo e não podia permitir que o escrito de Einarsson, já relido e comentado por muitos, influísse na sua decisão. Esta deu-lhe bastante trabalho. Certa manhã, Winthrop conversou com o seu chefe; nessa mesma tarde, Einarsson recebeu o encargo oficial de seguir para Wisconsin.

Na véspera de dezanove de Março, dia da partida, Einarsson apresentou-se no gabinete de Ezra Winthrop. Vinha despedir-se e agradecer-lhe. Uma das janelas dava para uma rua arborizada e oblíqua e rodeavam-nos estantes com livros; Einarsson não tardou em reconhecer a primeira edição da **Edda Islandorum**,

encadernada em pergaminho. Winthrop respondeu que sabia que o outro desempenharia bem a sua missão e que não tinha nada que agradecer-lhe. O diálogo se não me engano foi longo.

— Falemos com franqueza — disse Einarsson. — Não há bicho-careta na Universidade que não saiba que se o doutor Lee Rosenthal, nosso chefe, me honra com a missão de representar-nos, obra por seu conselho. Tratarei de não defraudá-lo. Sou um bom germanista; a língua da minha infância é a das sagas e pronuncio o anglo-saxão melhor que os meus colegas britânicos. Os meus estudantes dizem **cyning**, e não **cunning**. Sabem também que lhes é absolutamente proibido fumar na aula e que não podem apresentar-se disfarçados de **hippies**. Quanto ao meu frustrado rival, seria de péssimo gosto ou criticá-lo; a **Kenning** explica-se não só pelo exame das fontes originais como dos pertinentes trabalhos de Meissner e de Marquardt. Deixemos essas balelas. Eu devo ao senhor, doutor Winthrop, uma explicação pessoal. Deixei a minha pátria nos finais de 1967. Quando alguém se resolve a emigrar para um país longínquo, impõe-se fatalmente a obrigação de progredir nesse país. Os meus dois opúsculos iniciais, de índole estritamente filológica, não respondiam a outro fim senão provar a minha capacidade. Isso, evidentemente, não bastava. Sempre me havia interessado a balada de Maldon que posso repetir de memória, com uma ou outra lacuna. Consegui que as autoridades de Yale publicassem a minha edição crítica. A balada regista, como você sabe, uma vitória escandinava, mas quanto à concepção de que influiu nas ulteriores sagas da Islândia, julgo-a inadmissível e absurda. Referi-a para agradar aos leitores de língua inglesa.

Chego agora ao essencial: a minha nota polémica do **Yale Monthly**. Como você não ignora, justifica, ou quer justificar, o meu sistema, mas deliberadamente exagera os inconvenientes do seu, que, a troco de impor aos alunos o tédio de três mil intrincados versos consecutivos que narram uma história confusa, os brinda com um copioso vocabulário que lhes permitirá gozar, se não tiverem desertado, do **corpus** das letras anglo-saxónicas. Ir a Wisconsin era o meu verdadeiro propósito. Você e eu, meu querido amigo, sabemos que os congressos são disparates, que ocasionam gastos inúteis, mas que podem convir a um **curriculum.**

Winthrop olhou-o com surpresa. Era inteligente, mas propendia a levar as coisas a sério, incluindo os congressos e o universo, que bem pode ser um logro cósmico. Einarsson prosseguiu:

— Você recorda-se talvez do nosso primeiro diálogo. Eu chegara de New York. Era um domingo; a cantina da Universidade estava fechada e fomos almoçar ao Night-hawk. Foi então que aprendi muitas coisas. Como bom europeu, eu sempre tinha pressuposto que a Guerra Civil foi uma cruzada contra os esclavagistas; você argumentou que o Sul estava no seu direito ao querer separar-se da União e manter as suas instituições. Para dar maior força ao que afirmava, disse-me que você era do Norte e que um dos seus maiores militara nas fileiras de Henry Halleck. Encareceu igualmente a coragem dos confederados. Ao contrário dos demais, eu sei quase imediatamente **quem** é o outro. Essa manhã bastou-me. Compreendi, meu querido Winthrop, que a si o rege a curiosa paixão americana da imparcialidade. Quer, acima de tudo, ser **fairminded**. Precisamente por ser homem do Norte, procurou compreender e justificar a causa do Sul. Mal soube que a minha viagem a Wisconsin dependia de umas palavras suas a Rosenthal, resolvi aproveitar a minha pequena descoberta. Compreendi que impugnar a metodologia que você sempre observa na cátedra era o meio mais eficaz de obter o seu voto. Redigi de imediato a minha tese. Os hábitos do **Monthly** obrigaram-me ao uso de iniciais, mas fiz todo o possível para que não restasse a menor dúvida sobre a identidade do autor. Confiei-a inclusive a muitos colegas.

Houve um longo silêncio. Winthrop foi o primeiro a rompê-lo.

— Agora compreendo — disse. — Eu sou velho amigo de Herbert, cujo labor estimo; você, directa ou indirectamente, atacou-me. Negar-lhe o meu voto teria sido uma espécie de represália. Confrontei os méritos dos dois e o resultado foi o que você sabe.

Acrescentou, como se pensasse em voz alta:

— Cedi talvez à vaidade de não ser vingativo. Como você vê, o seu estratagema não o frustrou.

— Estratagema é a palavra justa — replicou Einarsson —, mas não me arrependo do que fiz. Actuei da melhor forma para o nosso estabelecimento de ensino. Aliás, eu tinha resolvido ir para Wisconsin.

— O meu primeiro Viking — disse Winthrop e olhou-o nos olhos.

— Outra superstição romântica. Não basta ser escandinavo para descender dos Vikings. Os meus pais foram bons pastores da igreja evangélica; em princípios do século dez, os meus maiores foram talvez bons sacerdotes de Thor. Na minha família não houve, que eu saiba, gente do mar.

— Na minha houve muitos — respondeu Winthrop. — Todavia, não somos tão diversos. Um pecado nos une: a vaidade. Você visitou-me para jactar-se do seu engenhoso estratagema; eu apoiei-o para jactar-me de ser um homem recto.

— Outra coisa nos une — respondeu Einarsson. — A nacionalidade. Sou cidadão americano. O meu destino está aqui, não na Última Thule. Você dirá que um passaporte não modifica a índole de um homem.

Deram um aperto de mão e despediram-se.

AVELINO ARREDONDO

O facto deu-se em Montevideu, em 1897.
Cada sábado os amigos ocupavam a mesma mesa lateral no Café del Globo, à maneira dos pobres decentes que sabem que não podem mostrar a sua casa ou que evitam o seu próprio meio. Eram todos montevideanos; ao princípio custara-lhe dar-se com Arredondo, homem do interior, que não se permitia confidências nem fazia perguntas. Contava pouco mais de vinte anos; era magro e moreno, sobre o baixo e talvez algo rude. A cara teria sido quase anónima, não fora resgatarem-na os olhos, a um tempo dolentes e enérgicos. Marçano de uma mercearia da Rua Buenos Aires, estudava direito nas folgas. Quando os outros condenavam a guerra que assolava o país e que, segundo era opinião geral, o presidente prolongava por razões indignas, Arredondo ficava calado. Também ficava calado quando troçavam dele por tacanho.

Pouco depois da batalha de Cerros Blancos, Arredondo disse aos companheiros que não o veriam por um tempo, já que tinha de ir a Mercedes. A notícia não inquietou ninguém. Alguém lhe disse que tivesse cuidado com a gauchada de Aparicio Saraiva; Arredondo respondeu, com

um sorriso, que não lhes tinha medo, aos brancos. O outro, que se tinha filiado no partido, não disse nada.

Mais lhe custou dizer adeus a Clara, sua noiva. Fê-lo com as mesmas palavras. Preveniu-a que não esperasse cartas, pois estaria muito atarefado. Clara, que não tinha por costume escrever, aceitou a achega sem protestar. Gostavam muito um do outro.

Arredondo vivia nos arredores. Servia-o uma mulata que usava o mesmo apelido que fora de seus maiores escravos da família ao tempo da Guerra Grande. Era uma mulher de toda a confiança; ordenou-lhe que dissesse a qualquer pessoa que o procurasse que ele estava no campo. Já tinha recebido a sua última féria na mercearia.

Mudou-se para um aposento do fundo, o que dava para o pátio de terra. A medida era inútil, mas ajudava-o a iniciar essa reclusão que a sua vontade lhe impunha.

Da estreita cama de ferro, onde foi recuperando o seu hábito da sesta, olhava com alguma tristeza uma estante vazia. Tinha vendido todos os seus livros, incluindo os de introdução ao Direito. Não lhe ficava senão uma Bíblia, que nunca lera e que não concluiu.

Correu-a página por página, às vezes com interesse e às vezes com tédio, e impôs-se o dever de aprender de memória algum capítulo do Êxodo e o final do Eclesiastes. Não procurava entender o que ia lendo. Era livre-pensador, mas não deixava passar uma só noite sem repetir o pai-nosso que prometera a sua mãe ao vir para Montevideu. Faltar a essa promessa filial podia trazer-lhe má sorte.

Sabia que a sua meta era a manhã do vinte e cinco de Agosto. Sabia o número preciso de dias que tinha de transpor. Uma vez alcançada a meta, o tempo cessaria ou, melhor dizendo,

nada importava o que aconteceria depois. Esperava a data como quem espera uma ventura e uma libertação. Tinha parado o relógio para não estar sempre a olhar para ele, mas todas as noites, ao ouvir as sombrias doze badaladas, arrancava uma folha do almanaque e pensava **menos um dia**.

Ao princípio quis construir uma rotina. Tomar mate, fumar os cigarros negros que enrolava, ler e rever uma determinada conta de páginas, conversar com Clementina quando esta lhe trazia a comida numa bandeja, repetir e adornar certo discurso antes de apagar a vela. Falar com Clementina, mulher já entrada em anos, não era muito fácil, porque a sua memória ficava-se pelo campo e pelo quotidiano do campo.

Dispunha ainda de um tabuleiro de xadrez no qual jogava partidas desordenadas que não acertavam com o fim. Faltava-lhe uma torre que costumava suprir com uma bala ou com um vintém.

Para povoar o tempo, Arredondo limpava o quarto todas as manhãs com um trapo e com um espanador e perseguia as aranhas. À mulata não lhe agradava que se rebaixasse a esses misteres, que eram de seu governo e que, além do mais, ele não sabia desempenhar.

Teria preferido acordar com o Sol já bem alto, mas o costume de fazê-lo quando clareava pôde mais do que a sua vontade. Sentia muitíssimo a falta dos seus amigos e sabia sem amargura que estes não sentiam a dele, dada a sua invencível reserva. Uma tarde veio um que perguntou por ele e afastaram-no do portal. A mulata não o conhecia; Arredondo nunca soube quem era. Ávido leitor de jornais, custou-lhe renunciar a esses museus de minúcias efémeras. Não era homem de pensar nem de cismar.

Os seus dias e as suas noites eram iguais, mas pesavam-lhe mais os domingos.

Em meados de Julho conjecturou que cometera um erro ao parcelar o tempo, que de qualquer modo não pára. Deixou então errar a sua imaginação pela dilatada terra oriental, hoje ensanguentada, pelos tortuosos campos de Santa Irene, onde havia lançado estrelas, por um potro malhado, que decerto já morrera, pelo pó que levanta o gado, quando o arreiam os tropeiros, pela diligência cansada que vinha cada mês desde Fray Bentos com a sua carga de bugigangas, pela baía de La Agraciada, onde desembarcaram os Trinta e Três, pelo Hervidero, por escarpas, montes e rios, pelo Cerro que tinha escalado até ao farolim, pensando que nas duas margens do Plata não há outro igual. Do cerro da baía passou uma vez ao cerro do escudo e deixou-se dormir.

Em cada noite a viração trazia a frescura, propícia ao sonho. Nunca teve insónia.

Desejava plenamente a sua noiva mas decidira que um homem não deve pensar em mulheres, sobretudo quando lhe faltam. O campo tinha-o acostumado à castidade. Quanto ao outro assunto... tratava de pensar o menos possível no homem que odiava.

O ruído da chuva no terraço fazia-lhe companhia.

Para o encarcerado ou para o cego, o tempo flui águas abaixo, como por uma leve vertente. A meio da sua reclusão Arredondo conseguiu por mais de uma vez esse tempo quase sem tempo. No primeiro pátio havia uma cisterna com uma sapo no fundo; nunca lhe ocorreu pensar que o tempo do sapo, que confina com a eternidade, era o que procurava.

Quando a data não estava longe, começou outra vez a impaciência. Uma noite não pôde mais e saiu à rua. Tudo lhe pareceu diferente

e maior. Ao dobrar uma esquina, viu uma luz e entrou num armazém. Para justificar a sua presença, pediu uma cana amarga. Acotovelados contra o balcão de madeira conversavam uns soldados. Disse um deles:

— Vocês sabem que é rigorosamente proibido darem-se notícias das batalhas. Ontem a altas horas sucedeu-nos uma coisa que vos há-de divertir. Eu e uns companheiros de quartel passámos diante de **La Razón**. Ouvimos de fora uma voz que transgredia a ordem. Sem perder tempo entrámos. A redacção estava toda às escuras, mas abatemos a tiro o que continuava a falar. Quando se calou, buscámo-lo para levá-lo pelas patas, mas vimos que era uma máquina a que chamam **fonógrafo** e que fala sozinha.

Todos se **riram.**

Arredondo ficara-se escutando. O soldado disse-lhe:

— Que lhe parece a piada, parceiro?

Arredondo ficou em silêncio. O de uniforme aproximou-se-lhe da cara e disse-lhe:

— Grita já: Viva o Presidente da Nação, Juan Idiarte Borda!

Arredondo não desobedeceu. Entre aplausos de chacota alcançou a porta. Já na rua feriu-o uma última injúria.

— Quem tudo receia nada teme.

Portara-se como um cobarde, mas sabia que não o era. Tornou pausadamente a sua casa.

No dia vinte e cinco de Agosto, Avelino Arredondo acordou já passava das nove. Pensou primeiro em Clara e só depois na data. Disse para si com alívio: **Adeus à tarefa de esperar. Já é o dia.**

Barbeou-se sem pressa e no espelho surgiu-lhe a mesma cara de sempre. Escolheu uma gravata vermelha e as suas melhores roupas. Almoçou tarde. O céu cinzento ameaçava chu-

viscos; sempre o imaginara radiante. Tomou-o um laivo de amargura ao deixar para sempre o quarto húmido. No portal cruzou-se com a mulata e deu-lhe os últimos pesos que lhe restavam. Na tabuleta do ferreiro viu losangos de cores e reflectiu que durante mais de dois meses não pensara neles. Encaminhou-se para a Rua de Sarandí. Era dia feriado e circulava muito pouca gente.

Não tinham dado as três quando chegou à Plaza Matriz. O Te Deum já terminara; um grupo de cavalheiros, de militares e de prelados descia pelos lentos degraus do templo. À primeira vista, as cartolas, algumas ainda na mão, os uniformes, os galões, as armas e as túnicas, podiam criar a ilusão de que eram muitos; na realidade, não passariam de uma trintena. Arredondo, que não sentia medo, sentiu uma espécie de respeito. Perguntou qual era o presidente. Responderam-lhe:

— Esse que vai ao lado do arcebispo com a mitra e o báculo.

Sacou o revólver e fez fogo.

Idiarte Borda deu uns passos, caiu de bruços e disse claramente: Estou morto.

Arredondo entregou-se às autoridades. Depois declararia:

— Sou vermelho e digo-o com todo o orgulho. Matei o presidente, que atraiçoava e manchava o nosso partido. Rompi com os amigos e com a noiva, para não os implicar; não olhei para os jornais para que ninguém possa dizer que me incitaram. Este acto de justiça pertence-me. Agora, julguem-me.

Assim terão ocorrido os factos, embora de um modo mais complexo; assim posso sonhar que ocorreram.

O DISCO

Sou lenhador. O nome não importa. A choça onde nasci e onde em breve hei-de morrer fica na orla do bosque. Do bosque dizem que se alonga até ao mar que rodeia toda a terra e por ele que andam casas de madeira iguais à minha. Não sei; nunca vi. Tão-pouco vi o outro lado do bosque. O meu irmão mais velho, quando éramos pequenos, fez-me jurar que entre os dois arrasaríamos todo bosque até não ficar uma árvore de pé. O meu irmão morreu e agora é outra coisa que procuro e continuarei procurando. Para poente corre um riacho onde sei pescar à mão. No bosque há lobos, mas os lobos não me arredam e o meu machado nunca me foi infiel. Perdi a conta aos meus anos. Sei que são muitos. Os meus olhos já não vêem. Na aldeia, onde já não vou porque me perderia, tenho fama de avaro mas que pode ter juntado um lenhador do bosque?

Fecho a porta da minha casa com uma pedra para que a neve não entre. Uma tarde ouvi passos e logo uma pancada. Abri e entrou um desconhecido. Era um homem alto e velho, envolto numa manta coçada. Cruzava-lhe a cara uma cicatriz. Os anos pareciam ter-lhe dado mais autoridade do que fraqueza, mas notei

que lhe custava andar sem o apoio do bordão. Trocámos umas palavras que não recordo. Por fim disse:

— Não tenho lar e durmo onde calha. Percorri toda a Saxónia.

Essas palavras convinham à sua velhice. O meu pai falava sempre da Saxónia; agora a gente diz Inglaterra.

Eu tinha pão e peixe. Não falámos durante o jantar. Começou a chover. Com umas peles fiz-lhe a cama no chão de terra, onde morreu o meu irmão. Ao cair da noite adormecemos.

Clareava o dia quando saímos da casa. A chuva tinha cessado e a terra estava coberta de neve fresca. Caiu-lhe o bordão e ordenou-me que o levantasse.

— Porque hei-de obedecer-te? — disse-lhe.

— Porque sou um rei — respondeu.

Julguei-o louco. Peguei no bordão e dei-lho. Falou com uma voz diferente.

— Sou rei dos Secgens. Muitas vezes os levei à vitória na dura batalha, mas na hora do destino perdi o meu reino. O meu nome é Isern e sou da estirpe de Odin.

— Eu não venero Odin — respondi-lhe. — Eu venero Cristo.

Como se não me ouvisse continuou:

— Ando pelos caminhos do desterro mas ainda sou rei porque tenho o disco. Queres vê-lo?

Abriu a palma da mão que era ossuda. Não havia nada na mão. Estava vazia. Foi só então que notei que sempre a tinha mantido fechada.

Disse, olhando-me com firmeza:

— Podes tocá-lo.

Já com algum receio pus a ponta dos dedos sobre a palma. Senti uma coisa fria e vi um brilho. A mão fechou-se bruscamente. Não disse nada. O outro continuou com paciência como se falasse para uma criança:

— É o disco de Odin. Tem só um lado. Na terra não há outra coisa que tenha só um lado. Enquanto estiver na minha mão serei o rei.

— É de ouro? — disse-lhe.

— Não sei. É o disco de Odin e só tem um lado.

Senti então a cobiça de possuir o disco. Se fosse meu, poderia vendê-lo por uma barra de ouro a um rei.

Disse ao vagabundo que ainda odeio:

— Na choça tenho escondido um cofre de moedas. São de ouro e brilham como o machado. Se me dás o disco de Odin, eu dou-te o cofre.

Disse teimosamente:

— Não quero.

— Então — disse eu — podes prosseguir o teu caminho.

Virou-me as costas. Uma machadada na nuca chegou e sobrou para que vacilasse e caísse, mas ao cair abriu a mão e vi no ar o brilho. Marquei bem o lugar com o machado e arrastei o morto até ao regato que estava muito crescido. Aí lancei-o.

Ao voltar à minha casa procurei o disco. Não o encontrei. Há anos que continuo à procura.

O LIVRO DE AREIA

...thy rope of sands...
George Herbert (1593-1623)

A linha consta de um número infinito de pontos; o plano, de um número infinito de linhas; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes... Não, decididamente não é este, **more geometrico**, o melhor modo de dar início à minha narrativa. Afirmar-se verídica é agora uma convenção de qualquer narrativa fantástica; só que a minha é verídica.

Eu vivo só, num quarto andar da Rua Belgrano. Aqui há uns meses, ao entardecer, ouvi uma pancada na porta. Abri e entrou um desconhecido. Era um homem alto, de feições indecisas. Talvez a minha miopia as visse assim. Todo o seu aspecto era de pobreza decente. Trajava de cinzento e trazia uma maleta cinzenta na mão. Senti logo que era estrangeiro. A princípio julguei-o velho; depois notei que me deixara enganar pelo seu escasso cabelo ruivo, quase branco, à maneira escandinava. No decorrer da nossa conversação, que não duraria uma hora, soube que procedia das Órcades.

Apontei-lhe uma cadeira. O homem demorou um pedaço a falar. Rescendia melancolia, como eu agora.

— Vendo bíblias — disse-me ele.

Não sem pedantismo respondi-lhe:

— Nesta casa há algumas bíblias inglesas, incluindo a primeira, a de John Wiclif. Tenho ainda a de Cipriano de Valera, a de Lutero, que literariamente é a pior, e um exemplar latino da Vulgata. Como vê, não são precisamente bíblias o que me falta.

Ao cabo de um silêncio respondeu-me:

— Não vendo só bíblias. Posso mostrar-lhe um livro sagrado que talvez lhe interesse. Adquiri-o nos confins de Bikanir.

Abriu a maleta e pousou-o sobre a mesa. Era um volume em oitavo, encadernado em tela. Passara sem dúvida por muitas mãos. Examinei-o; surpreendeu-me o seu peso invulgar. Na lombada dizia **Holy Writ** e por baixo **Bombay.**

— Deve ser do século dezanove — observei.

— Não sei. Nunca o soube — foi a resposta.

Abri-o ao acaso. Os caracteres eram-me estranhos. As páginas, que me pareceram gastas e de pobre tipografia, estavam impressas a duas colunas à maneira duma bíblia. O texto era muito miúdo e estava ordenado em versículos. No ângulo superior das páginas havia algarismos árabes. Chamou-me a atenção a página par levar o número (digamos) 40.514 e a ímpar, a seguinte, 999. Voltei-a; o dorso estava numerado com oito algarismos. Tinha uma pequena ilustração, como é costume nos dicionários: uma âncora desenhada a pena, como pela desajeitada mão de uma criança.

Foi então que o desconhecido me disse:

— Olhe bem para ela. Depois nunca mais a verá.

Havia uma ameaça na afirmação, mas não na sua voz.

Ajeitei-me no lugar e encerrei o volume. Reabri-o de imediato. Em vão procurei a figura

da âncora, folha após folha. Para ocultar o meu desconcerto, disse-lhe:

— Trata-se de uma versão das Escrituras em alguma língua indostânica, não é verdade?

— Não — replicou.

Depois baixou a voz para confiar-me um segredo:

— Adquiriu-o num povoado da planície, a troco dumas rupias e da Bíblia. O seu possuidor não sabia ler. Suspeito que no livro dos Livros viu um amuleto. Era da casta mais baixa; as pessoas não podiam pisar a sua sombra, senão era a contaminação. Disse-me que o seu livro se chamava o Livro de Areia, porque nem o livro nem a areia têm princípio nem fim.

Pediu-me que procurasse a primeira folha.

Apoiei a mão esquerda sobre a capa e abri com o dedo polegar quase pegado ao índice. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a capa e a mão. Era como se brotassem do livro.

— Agora procure o final.

Também falhei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:

— Isto não pode ser.

Sempre em voz baixa o vendedor de bíblias disse-me:

— Não pode ser, mas **é**. O número de páginas deste livro é exactamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última. Não sei por que estão numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos duma série infinita admitem qualquer número.

Depois, como se pensasse em voz alta:

— Se o espaço é infinito estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo é infinito estamos em qualquer ponto do tempo.

As suas considerações irritaram-me. Perguntei-lhe:

— Você é religioso, decerto?

— Sim, sou presbiteriano. A minha consciência está limpa. Estou seguro de não ter vigarizado o nativo quando lhe dei a palavra do Senhor a troco do seu livro diabólico.

Assegurei-lhe que não tinha nada que censurar-se, e perguntei-lhe se estava de passagem por estas terras. Respondeu-me que dentro de uns dias pensava regressar à sua pátria. Foi então quando soube que era escocês, das ilhas Órcadas. Disse-lhe que gostava pessoalmente da Escócia por amor a Stevenson e Hume.

— E Robbie Burns — observou.

Enquanto falávamos eu continuava a explorar o livro infinito. Com falsa indiferença perguntei-lhe:

— Você propõe-se oferecer este curioso espécime ao Museu Britânico?

— Não. Ofereço-o a você — replicou, e adiantou uma soma elevada.

Respondi-lhe, com toda a verdade, que essa soma me era inacessível e fiquei-me a pensar. Ao cabo duns minutos tinha urdido o meu plano.

— Proponho-lhe uma troca — disse-lhe eu. — Você obteve este volume por umas rupias e pela Sagrada Escritura; eu ofereço-lhe o montante da minha reforma, que acabo de receber, e a Bíblia de Wiclif em letra gótica. Herdei-a de meus pais.

— A black letter Wiclif! — murmurou.

Fui ao meu quarto e trouxe-lhe o dinheiro e o livro. Virou as folhas e estudou o frontispício com fervor de bibliófilo.

— Negócio feito — disse-me.

Espantou-me que não regateasse. Só depois compreenderia que ele entrara em minha casa no fito de vender o livro. Não contou as notas, e guardou-as.

Falámos da Índia, das Órcadas e dos **jarls** noruegueses que as governaram. Era de noite

quando o homem se foi. Não voltei a vê-lo nem sei o seu nome.

Pensei guardar o Livro de Areia no vazio que deixara o Wiclif, mas por fim optei por escondê-lo atrás duns volumes desemparelhados das Mil e Uma Noites.

Deitei-me e não adormeci. Às três ou quatro da manhã acendi a luz. Procurei o livro impossível e voltei as folhas. Numa delas vi gravada uma máscara. No canto tinha um algarismo, já não sei qual, elevado à nona potência.

Não mostrei a ninguém o meu tesouro. À felicidade de possuí-lo juntou-se o medo de que o roubassem, e depois o receio de que não fosse verdadeiramente infinito. Essas duas inquietações agravaram a minha já velha misantropia. Sobravam-me uns amigos; deixei de vê-los. Prisioneiro do livro, quase não assomava à rua. Examinei com uma lupa a lombada já gasta e as capas e rejeitei a possibilidade de algum artifício. Comprovei que as pequenas ilustrações distavam duas mil páginas uma da outra. Fui-as anotando num registo alfabético, que não tardei a encher. Nunca se repetiram. De noite, nos escassos intervalos que me concedia a insónia, sonhava com o livro.

Declinava o Verão, e compreendi que o livro era monstruoso. De nada me serviu considerar que não menos monstruoso era eu, que o apercebia com olhos e o palpava com dez dedos com unhas. Senti que era um objecto de pesadelo, uma coisa obscena que infamava e corrompia a realidade.

Pensei no fogo, mas temi que a combustão dum livro infinito fosse igualmente infinita e sufocasse de fumo o planeta.

Recordei ter lido que o melhor lugar para ocultar uma folha é um bosque. Antes de me reformar trabalhava na Biblioteca Nacional, que

alberga novecentos mil livros; sei que à direita do vestíbulo uma escada curva se esgueira pelo sótão, onde estão os jornais e os mapas. Aproveitei um descuido dos empregados para perder o Livro de Areia numa das húmidas estantes. Procurei não reter a altura nem a distância à porta.

Sinto um pouco de alívio, mas nem quero passar pela Rua México.

EPíLOGO

Prefaciar contos ainda por ler é tarefa quase impossível, já que exige a análise de enredos que não convém antecipar. Prefiro por conseguinte um epílogo.

A narrativa inicial retoma o velho tema do double, *que tantas vezes motivou a sempre afortunada pena de Stevenson. Na Inglaterra o seu nome é* fetch *ou, dum modo mais livresco,* wraith of the living; *na Alemanha,* Doppelgaenger. *Suspeito que um dos seus primeiros epítetos foi o de* alter ego. *Esta aparição espectral terá procedido dos espelhos de metal ou de água, ou simplesmente da memória, que faz de cada qual um espectador e um actor. O meu dever era conseguir que os interlocutores fossem bastante diferentes para serem dois e bastante parecidos para serem um. Valerá a pena declarar que concebi a história nas margens do rio Charles, na New England, cujo frio curso me recordou o longínquo curso do Ródano?*

O tema do amor é assaz comum nos meus versos; não já na minha prosa, que não encerra outro exemplo além de Ulrica. *Os leitores notarão a sua afinidade formal com* O Outro.

O Congresso *é talvez a mais ambiciosa das fábulas deste livro; o seu tema é uma empresa tão vasta que se confunde por fim com o cosmos e com a soma dos dias. O opaco princípio pretende imitar o das ficções de Kafka; o fim pretende elevar-se, sem dúvida em vão, aos êxtases de Chesterton ou de John Bunyan. Nunca mereci semelhante revelação, mas procurei so-*

nhá-la. No seu decurso entremeei, como é meu hábito, traços autobiográficos.

O destino que, a julgar pela fama, é impenetrável, não me deixou em paz até que perpetrei um conto póstumo de Lovecraft, escritor que sempre julguei um parodista involuntário de Poe. Acabei por ceder; o lamentável fruto intitula-se There Are More Things.

A Seita dos Trinta *redime, sem o menor apoio documental, a história duma heresia possível.*

A Noite das Mercês *é talvez a narrativa mais inocente, mais violenta e mais exaltada que oferece este volume.*

A biblioteca de Babel *(1941) imagina um número infinito de livros;* Uudr e O Espelho e a Máscara, *literaturas seculares que constam de uma só palavra.*

Utopia de um Homem que Está Cansado *é, a meu ver, a peça mais discreta e melancólica da série.*

Sempre me surpreendeu a obsessão ética dos americanos do Norte; O Suborno *pretende reflectir esse traço.*

Pese a John Felton, a Charlotte Corday, à conhecida opinião de Rivera Indarte («É santa acção matar Rosas») e ao Hino Nacional Urugaio («Se tiranos, de Bruto o punhal») não aprovo o assassinato político. Seja como for, os leitores do solitário crime de Arredondo quererão saber o fim. Luis Melián Lafinur pediu a sua absolvição, mas os juízes Carlos Fein e Cristóbal Salvañac condenaram-no a um mês de reclusão celular e a cinco anos de cárcere. Uma das ruas de Montevideu leva agora o seu nome.

Dois objectos adversos e inconcebíveis são a matéria dos últimos contos. O Disco *é o círculo euclidiano, que admite somente uma face;* O Livro de Areia, *um volume de incalculáveis folhas.*

Espero que as notas apressadas que acabo de ditar não esgotem este livro e que os seus sonhos continuem a ramificar-se na hospitaleira imaginação dos que agora o encerram.

J. L. B.

Buenos Aires, 3 de Fevereiro de 1975.

LIVRO B

PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/YAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROLL
8. OS CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY
10. PARAÍSOS ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AS AVENTURAS DE GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA, OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ /CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLÖF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALEIRO DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAUPASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPONE
34. VATEK/WILLIAM BECKFORD
35. O ITALIANO/ANN RADCLIFFE
36. CONTOS DA CHUVA E DA LUA/UEDA AKINARI
37. PLANO DE EVASÃO/ADOLFO BIOY CASARES
38. CRÓNICAS ITALIANAS/STENDHAL
39. O LIVRO DE AREIA/JORGE LUIS BORGES